

423



Pa. E. G. C. 5. de 13^o

Taboas dos pesos e medidas da
Asia, Africa, America, e Oceania,
por J. G. Guerra. ————— 1.

Malta, by Francis F. Sankey. ————— 9.

Plano geral da instrucção pu-
blica nos estados da India, por
Antonio Antonio Pacheco. ————— 29.

Doas Palavras sobre a India Por-
tuguesa, por Custodio M.
Jomey. ————— 51.

Memoria sobre a Abolição do Jogo
P. Pio IX. ————— 106.

O Defensor do Real Padroado. — 120.

A few remarks on the pamphlet
entitled =The Goa schism = — 207

Codigo dos usos e costumes dos habi-
tantes das Novas Conquistas. — 212.

Código do uso e costumes dos habi-
tantes não-christãos de Damão. — 241.

Código do uso e costumes dos habi-
tantes não-christãos de Diu. — 249.

Repertório do Código do uso e custo-
mes das Novas Conquistas. — 256.

Proceedings of a general meeting of
the Portuguese Community. — 285.

Acta da reunião geral da Commu-
nidade Portuguesa. — 290.

Discursos na Sé de Goa na aclama-
ção d'Elrey D. Pedro 5. — 296.

De Lisboa a Goa, em 1855. — 304.

P-x 5111
5-18

304

B
S 15421

DE LISBOA A GOA

PELO MEDITERRANEO, EGYPTO, E
MAR-VERMELHO,

EM

Setembro e Outubro de 1855.

CARTA CIRCULAR,

QUE A SEUS AMIGOS DE EUROPA DIRIGE

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA,



NOVA-GOA:

1856.



IMPRESA NACIONAL.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF CHARLES THE FIRST

BY JOHN BURNET

IN TWO VOLUMES

THE SECOND VOLUME

IN THREE PARTS



LONDON

1704

Printed by J. Sturges, in Strand

at the Sign of the Sun

PREFACIO

Descrever a viagem de Europa á India pelo Mediterraneo, Egypto, e Mar Vermelho é cousa tantas vezes repetida em nossos dias, e tratada por tão habéis pennas, que parecerá indiscrição commetter eu de novo a mesma empreza.—E na verdade, para não fallar senão dos nossos portuguezes, o que se poderá accrescentar ao que sobre o assumpto tem escripto os Senhores Celestino Soares, Lopes de Lima, Lagrange, Bordalo, Caldeira, e não sei se mais algum? — Não é pois a presumpção de dizer cousas novas e não sabidas; é apenas o dever de obedecer a insinuações e preceitos de amigos, que me anima a seguir com passo tremulo os vestigios daquelles, que na mesma estrada me levaram em tudo a dianteira.

Não será este meu trabalho mais do que uma Carta Circular a meus amigos, notificando-lhes a minha chegada á India, e enviando-lhes, para um quarto de hora de desenfado, a simples indicação dos pontos de meu itinerario, e dos objectos, que no caminho desafiaram mais particularmente a minha attenção. — Não acharão elles aqui prolixas noticias geographicas ou historicas; nem tão pouco amplas descrições dos paizes, por onde transitei. — A obra será ligeira e rapida, como ligeira e rapida foi a marcha das locomotivas, que impelliram os navios e os *wagons*. — Equivalerá a uma conversação entre amigos, em que eu dê relação das cousas e das pessoas como ellas se me affiguraram, sem poder affiançar que realmente sejam taes, quaes as descrevo.

Nova-Goa (Pangim) 31 de Dezembro de 1855.



DE LISBOA A GOA.

I.

DE LISBOA A GIBRALTAR.



23 DE SETEMBRO.—**E**ram seis horas e meia da manhã do dia 23 de Setembro de 1855 quando no cões do Sodré embarquei para bordo do vapor *Iberia* da Companhia Peninsular e Oriental, com os seguintes companheiros de viagem para a Índia; o Exm.º General Antonio Cesar de Vasconcellos Correa, condecorado recentemente com o título de Visconde de Torres-Novas, e nomeado Governador Geral da Índia; dous Ajudantes d'ordens do mesmo General, os Alferes Bento da França Pinto de Oliveira, e D. Jorge Augusto de Mello; os Majores Constantino Lopes de Azevedo e Cunha, Romão José de Sousa, e Agostinho José Ferreira de Brito, providos em varias commissões; e duas senhoras, a mulher do Major Brito, e a minha. — Ás sete horas largou o vapor, e eis-nos de caminho para a Índia.

Confesso que não senti nesta occasião aquella nuvem negra no coração, que accusam sentir todos es viajantes ao largar a patria para remotos paizes, e ainda ás vezes para os que ficam bem ao pé da porta.—Em vez desse sentimento de oppressão e tristeza sentia eu certo desejo, direi mesmo, certa anciedade de vêr as regiões da Índia, theatro de nossas antigas glorias, residencia de homens tão diversos dos de Europa, e onde se dão opiniões, usos, e costumes tão encontrados dos nossos.—Não sei se haverá almas melindrosas, que me levem a mal este meu desapêgo. Se as ha, a essas digo que não deixo por isso de trazer saudades dos amigos e parentes, que lá ficam. — O carpir e soluçar não são sempre o mais certo indicio da sinceridade do sentimento.

Dentro em pouco havíamos perdido de vista a soberba Lisboa, e seus arrabaldes. — Estavamos em pleno oceano.—Paguei logo o tributo dos novatos em

navegação por alturas do cabo de Espichel, mas não obsteu o enjôo a que observasse em cuja companhia me achava a bordo.—O *Iberia* levava trinta e tantos passageiros. Entre estes duas familias de Lisboa para Cadiz, a nossa colonia luso-indiana, e os outros estrangeiros com varios destinos.—Duas eram porém as personagens mais notaveis da comitiva; um homem, e uma mulher.—O homem era um escossez, de meia idade, corpulento, e com um bello par de suissas ruivas, que elle amava com carinho, affagava, penteava, e escovava a cada instante, revendo-se ao espelho. Nos intervallos deste trabalho comia e bebia excellentemente; e em todo o caso fallava sempre com o primeiro passageiro, que lhe ficava a geito. Era homem jovial e faceto; muito habituado a andar embarcado, e como tal insusceptivel de enjoar. Tendo residido algum tempo em Hespanha e em Italia, fallava com os que não eram inglezes uma lingua mixta de hespanhol e italiano, que pronunciada por bocca escoscesa tinha sua graça, e novidade. O certo é que com uma pouca de attenção percebia-se perfeitamente aquelle sarapatel de linguas.

A personagem mulher era uma joven hespanhola (gallega), educada em Inglaterra, e que em companhia de pessoas da familia viajava (diziam) para completar sua educação. Teria 18 a 19 annos, alta e tesa como ingleza, e trajando com todo o rigor e esmero de uma *miss* viajante. Poderia dizer-se verdadeiramente formosa, se não tivera a bocca excessivamente grande, defeito, ou antes excesso, que ficava compensado por uma corda de magnificos dentes. Chamava-se Nathalia; não fallava senão com as pessoas do seu sequito, a quem dirigia poucas palavras, e o resto do tempo lia, segundo o rito de viajante ingleza.—Vinham tambem de viagem para Cadiz as duas Sch... mai, e filha, tão conhecidas em Lisboa. Foi pena que estas caíssem logo com enjôo ao primeiro balanço do navio, porque eu queria vêr como a joven Sch...., bella e airosa lisboeta, eclipsava a impertigada anglo hespanhola.

(7)

24 DE SETEMBRO.—Ás duas horas da tarde fundeamos na bahia de Cadiz, e gosamos da formosissima perspectiva da cidade, já que nos não foi dado percorre-la, attento o pouco tempo que o vapor tinha de demora.—Alguns de nossos portuguezes, que se arriscaram a ir a terra, estiveram a ponto de lá ficar; o que por certo lhes teria succedido, se não voltassem presurosos para bordo, apenas haviam posto o pé no cáes. Com tudo tem elles a vantagem de poder contar sem mentira que estiveram em Cadiz.—É Cadiz uma linda cidade, de magestosos e elegantes edificios, cobertos com terraços e não com telhados. A quem, como eu, a vê só por fora, é esta a mais notavel differença, que lhe acha, das nossas cidades de Portugal.

Ás quatro horas da tarde, estando os passageiros á mesa, largámos para Gibraltar.

II.

GIBRALTAR.

25 DE SETEMBRO.—E ás quatro horas da manhã chegámos ao porto de Gibraltar.—Traziamos algum susto de que o vapor *Nubia*, que de Southampton havia largado para Alexandria quasi ao mesmo tempo que o *Iberia* para Gibraltar, tivesse já passado ávante, e assim nos fosse forçoso esperar em Gibraltar até ao seguinte paquete. Felizmente, o *Nubia* chegou a Gibraltar depois de nós, ao amanhecer.—Baldéamos logo para elle as nossas bagagens, e aproveitámos algumas horas de demora para vêr Gibraltar.—Havia chovido de madrugada, e as estreitas ruas da Praça eram um puro lamaçal. Gibraltar vista por fóra é um rochedo negro e escarpado, triste mas pitoresco. Vista por dentro começa a ter para nós uma certa novidade por sua physiognomia já semi-oriental. Mouros e Judeos com seus vestuarios nacionaes percorrem em grande numero as ruas, e matizam agradavelmente os vestuarios hespanhoes, e

os uniformes inglezes. As linguas hespanhola, portugueza, italiana, ingleza, e arabe são correntes em Gibraltar. Notei (e não sei se a observação é exacta) que a franceza é alli muito menos familiar do que qualquer das referidas. Como era muito de manhã poucas mulheres appareciam na rua, e essas quasi todas hespanholas, velhas e feias. Almoçámos no hotel chamado *Club-house*, onde fomos mal servidos por muito dinheiro, pecco, que tem, creio eu, todos os hoteis do mundo.

Gibraltar é cidade ingleza, ou hespanhola? enigma é este que achei alli resolvido n'uma taboleta de taverna:

God save the Queen:

Wine and Spirits.

Cuja significação para quem bem o entende é a seguinte: que se Gibraltar é por uma parte ingleza, porque seus dominantes são subditos da Rainha de Inglaterra (*God save the Queen*); é por outra parte hespanhola por pertencer á mesma terra, que produz os bons e espirituosos vinhos de Malaga e Xerez (*Wine and Spirits*).

Mas nós não temos tempo nem para passear Gibraltar, nem para visitar suas admiraveis fortificações, nem para discretear sobre seus usos e costumes. Vamos pois para bordo do *Nubia*; porém não com tanta pressa, que nos esqueça agradecer ao Sr. José Benso, nosso Consul nesta Praça, o bom gasalhado que nos fez, e as finezas, com que nos tratou, até nos acompanhar a bordo do *Nubia*, onde chegámos ás onze horas da manhã.

III

DE GIBRALTAR A MALTA.

O *Nubia* he barco novo, e um dos melhores, mais bellos, e mais aceados vapores da Companhia Peninsular e Oriental. Ia carregado de inglezes e in-

glezas para a India e pontos intermedios. Alli vimos a primeira amostra de nativos indianos de hum e outro sexo entre os creados de familias, que regressavam.— Levantamos ferro á huma e meia hora da tarde com tempo bonangosissimo. Não havia em pessoa alguma signal de enjôo, e por isso jantaram á meza todos os passageiros (perto de duzentos de primeira classe).—O jantar deste primeiro dia passou-se sem outro incidente notavel, a não ser a atrapalhão, em que se vio um inglez com uma romã. O homem creio que ainda não tinha visto tal fructa. Pegou pois da romã, e partio-a ao meio como quem parte uma maçã. Feito isto ficou perplexo, e sem saber como havia de proseguir na encetada empreza. Depois de alguma hesitação, tomou o seu partido, e tentou exprimela n'um copo como se fôra limão. A romã foi refractaria a esta prova, porque nem os grãos della se soltavam, nem sabia succo, que apparecesse. Acudi eu ao homem neste aperto, porque elle estava realmente afflicto. Pedi lhe pois licença para lhe indicar o methodo mais facil de debulhar a romã; ao que elle annuo; e ajudado de meus conselhos poude comer alguns bagos.—Se este inglez houver tambem de escrever as *memorias* de sua viagem, porá sem duvida nellas um paragrapho assim concebido = Romã: fructa de Hespanha, côr de vinho, de sabor detestavel, e que exprimida não deita sumo =.

Eis-nos no Mediterraneo navegando com bom tempo em demanda da celebrada ilha de Malta.—Aproveitemos a bonança, e vejamos o que se passa á roda de nós —A pequena colonia portugueza formava um estado independente no meio daquelle grande mundo de *Ladies and Gentlemen*, que povoava o *Nubia*. Um inglez, com quem ainda se não teve trato, ou a quem não fomos apresentados, é uma especie de animal feroz, de que se deve fugir. Quer elle por exemplo passar, acotovella vos, e passa. Quer sentar-se, atropella vos, e senta-se. Não vos é dado entabolar facilmente conversar

ção com gente britannica, porque um filho ou filha de Albion, ainda que saiba fallar linguas estranhas, obstina se a não fallar mais que a sua. E se nessa mesma lhe fallaes, pouco tendes adiantado, porque a tudo responde com dous seccoos monosyllabos, *oh! yes!* — Até os proprios *stewards* (creados) não servem, se não a quem lhes falla inglez. — E cuidaes que ao menos na carreira do Mediterraneo, na qual se junta gente de todas as nações de Europa, ha no navio algum creado francez, italiano, ou hespanhol para melhor servir os passageiros, que não fallam inglez? estaes enganados. O inglez não tem obrigação de fallar as outras linguas do mundo; é ao mundo que corre estricta obrigação de saber fallar inglez. — Tem além disso o mundo ainda outra obrigação, que eu confesso que ignorava, e é a de gostar por força da cozinha ingleza, ou morrer de fome. E sem duvida morrereis de fome se vos não resignaes a comer aquellas carnes ensôssas e mal assadas; aquellas massas e podins lamacentos e desenxabidos; aquelle *doces*? temperados com gengibre e outras especiarias acres e enjoativas. Morrereis de fome se não puderdes comer azeitonas por sobre meza, folhas d'alface com queijo, e outros acepipes desta laia, com que aquellas *gouelles* estanhadas se regalam. — Se as comidas vos repugnam, e apellaes para as bebidas, tendes á vossa disposição uma pouca de agoa suja, a que chamam *caffé*, uma infusão de ervas do monte, a que honram com o nome de chá preto, e alem disso *certa* veja, *soda water*, *room*, *brandy*, e outras bebidas tão suaves e gostosas como estas.

Mas ainda que vós não possaes comer nem beber, não deixeis por isso de ir á mesa cada vez que poderdes. Tereis ahi um espectaculo digno de vossas attenções. Ahi vereis como aquellas *Ladies* envolvem todos os manjares em pilhas de sal, em colheres de mostarda, e de outros varios ingredientes picantes; como engolem desenfastiadamente essas horriveis misturas, e as affogam logo no estomago em gran-

(11)

des taças de vinho, de cerveja, de *soda-water* &c.; e finalmente como depois de tudo isto ficam rubicundas como rosas, e frescas como alfaces.

29 DE SETEMBRO.—Admirando nós estes prodigios gastronomicos íamos-nos acercando insensivelmente de Malta, e no dia 29 de Setembro, logo depois de anouteecer avistámos o farol da ponta septemtrional desta ilha. Mas tínhamos ainda, para chegar ao porto de Valleta, de navegar ao longo de toda a costa da ilha na sua maior extensão; e era já meia noite quando demos entrada no porto, chamado da Quarrentena, um dos dons magnificos portos de Valleta.

A cidade estava illuminada, por ser aquelle o dia em que lá celebravam a tomada de Sebastopol pelos alliados; e ainda ouvimos resoar os ultimos vivas.

Não era a essa hora chegado o vapor de Marselha, que devia trazer a malla da India.—Os inglezes avaliam tanto a brevidade das correspondencias, que se não dão por satisfeitos com a carreiras dos vapores, que sahem de Southampton. Expedindo a malla da India por França a Marselha, e dahi directamente a Malta, podem enviar noticias quatro dias posteriores ás que tem saído de Southampton; e é quanto basta para darem por bem empregadas todas as despezas, que esta duplicação de linhas exige — E o que é a malla ingleza, expedida para a India duas vezes cada mez? só vendo-o se acredita. São centenaes de grandes caixas, umas de páo, e outras de folha de ferro, mui bem cerradas e lacradas com a marca do correio. Isto explica o interesse geral que ha nesta carreira, e o porque se gastam tantos contos de réis à conta de ganhar quatro dias sobre a linha de Southampton.—Muitos viajantes aproveitam tambem a linha de Marselha para evitar a navegação do canal da Mancha, e das costas de Hespanha e Portugal.

IV.

MALTA

30 DE SETEMBRO.— Como tínhamos de esperar pelo

vapor de Marselha, pudémos ir neste dia para terra — Apenas o viajante toca no caes de Malta, estende-lhe urbanamente a mão, e o ajuda a saltar em terra um homem vestido com certa decencia, que se desfaz em cortesias, e dalli por diante o segue por toda a parte, como a sombra segue o corpo. Este individuo é o guia, ou *cicerone*, como dizem os italianos. O *cicerone* falla todas as linguas, ou presume que as falla; conhece todos os cantinhos da Cidade; e explica a seu modo a historia e antiguidades da terra. Ganha em Malta 10 shillings (meia libra) por dia, e tem jus a este salario ainda que vos sirva um só quarto de hora, porque (diz elle) = *la journée est perdue* = O *cicerone*, que a sorte me deparou, era um moço francez, que me servio com toda a pontualidade. Conduzio-me ao Hotel imperial, para onde tambem se dirigiram os demais Portuguezes, e grande numero de outros passageiros do vapor. — Tendo-nos lavado e almoçado, fomos vêr a terra, e começámos pela Cathedral, antiga casa capitular da illustre Ordem de S. João de Jerusalem. A elegancia e sumptuosidade desta magnifica Igreja não é facil de descrever. Sobre tudo o pavimento inteiramente coberto de campas entalhadas de mosaico finissimo, com os brazões e epitaphios dos mais celebres cavalleiros da Ordem, é cousa muito para vêr-se e admirar-se — Mas o que para mim foi ainda mais para ver e admirar, foi achar quasi em cada epitaphio a memoria de algum cavalleiro portuguez. Parecia-me estar n'uma igreja de Portugal. Bem quisera eu poder aqui mencionar todas essas memorias, mas a rapidez necessaria da visita mal me permittio colher um ou outro apontamento. — Não descreverei os dous sumptuosos mausoleus dos Gram-Mestres D. Antonio Manoel de Vilhena, e Manoel Pinto da Fonseca (a), ambos na mesma capella do lado da Epistola; nem tão pouco o do Gram-Mestre

(a) Não se confunda com o seu homonymo, ha pouco fallecido em Pariz, e que pela sua riqueza foi por antonomasia conhecido em Lisboa pelo nome de *Monte-Christo*.

Luiz Mendes de Vasconcellos na capella subterranea. Estes tres tumulos, e as acções dos celebres Gram Mestres, cujas cinzas encerram, estam mencionados nas relações de todos os viajantes, e em grande quantidade de livros. — Mas porei por extenso dous epitaphios, que achei em campas rasas na grande capella do Oratorio ou do Calvario, e que por acaso me ficaram debaixo dos olhos quando alli ajoelhei. São os seguintes:

FR. FRANCISCO GUEDES DE MAGALHÃES,
 EQUITI HIEROSOLYMARIO,
 MAGNA CRUCE ET PROCANCELLARII MUNERE DONAT.
 INGENIO, DEXTERITATE, SOLERTIA,
 RERUM SUI ORDINIS PERITIA,
 IMPERIO BENE GESTO
 QUOD EI EMMANUEL PINTO, MAGNUS MAGISTER,
 MORITURUS COMMISERAT,
 EXTRAORDINAR. ET ORDIN. AD REG. NEAPOLIT. LEGATIONE
 VIRO ILLUSTRIS
 EMMANUEL GUEDES DE MAGALHÃES,
 EQUES HIEROSOLYMARIUS,
 MAGNA CRUCE INSIGNITUS,
 FRATRI OPTIMO ET SIBI MÆRENTISSIMO: P. C.
 AN. CIOIOCCCLXXXII.
 VIXIT AN. LXIX. OB. AN. CIOIOCCCLXXXI.



D. O. M.

HIC JACET

F. JOANN. PEREIRA COUTINHO LUSITANUS,
 QUI AB IPSO TIROCINIO
 UNUM SIBI STUDIUM INDUXIT
 TERRA MARIQUE

DE SUA RELIGIONE BENEMERERI,
 HINC PRIMUM PROTRIERARCHUS,
 MOX PRAEFECTUS TRIREMIS,

INDE IV. VIR

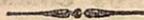
MARITIMÆ CLASSIS ADMINISTRANDÆ
 SUMPTU, PROVIDENTIA, CONSILIO

SINGULAREM REIPUBLICÆ NAVAVIT OPERAM,
 MORIENS TANDEM,

UT BENEMER. EQUITIS IDEAM ABSOLVERET,
 EX COMM. DE ALGOSO ET SERNANSELHE,
 QUAS ACCEPERAT, OPES REDDIDIT AERARIO.

ELATUS EST OMNIUM LACRIMIS,
 QUIA OMNIBUS CARUS.

OBIIIT 26 JULII 1710. AET. 56.



No corpo da Igreja deparei tambem com as cam-
 pas de Fr. Melchior Alvares Pereira Pinto, Balio de
 Lessa, e de Fr. José Pereira Pinto, Gram-Chancellor
 da Ordem: e se mais tempo tivera, muitas mais me-
 morias portuguezas encontrára.

Deixando a Cathedral, e caminhando pela Cidade
 a cada passo se descobrem outros monumentos e
 obras de Portuguezes. — Aqui o soberbo Palacio,
 chamado de Castella, fundado pelo Gram-Mestre
 Manoel Pinto da Fonseca: — Alli o Forte Manuel:
 acolá o Theatro Vilhena. Finalmente não ha obra
 grande em Malta, a que não esteja associado o nome
 de algum illustre Portuguez. Se entraes no Palacio
 do Governo, antiga residencia dos Gram-Mestres,
 ainda alli vereis mil vezes repetidos os retratos de
 Vilhena e de Pinto; e lá vos dirão que a este deve
 o Palacio grandes melhoramentos. — A escada é de
 singular architectura, e a salla do Conselho rica-
 mente decórada. Nunca se nega neste Palacio a

entrada ao viajante; mas preparai alguns shillings para o guarda portão e para o cicerone da caza, porque o vosso ficou no fundo da escada; não lhe é licito subir.

Valleta tem um sem numero de Igrejas. Pode mesmo dizer se que a propria cidade é uma igreja continuada, e cada rua uma nave; porque a cada canto (e tome-se esta expressão á letra) ha um Santo ou Santa de estatura colossal em sua peanha elevada.— Dizemos nos em Portugal, quando vemos um grande vulto de Santo, que parece ser Santo hespanhol. Quem tiver vindo a Malta fica auctorizado para dizer que parece ser Santo maltez.—Causa estranheza ao estrangeiro esta desusada especie de perpetuas sentinellas ás esquinas, igualmente respeitadas do dominante inglez, e veneradas pelo devoto maltez.

Abundam igualmente em Valleta clerigos e frades. Destes ha Franciscanos de varias especies, Dominicanos, Agostinhos, Carmelitas, e talvez outros. Já passava de vinte annos que eu não via desta gente, mas nem por isso deixei de conhecer logo a que Ordens pertenciam. Moveo-me a curiosidade a visitar um Convento. O primeiro que encontrei foi de Agostinhos calçados, a que nós em Portugal chamavamos Gracianos. Entrei pois, e logo junto da portaria ao lado esquerdo havia uma escola primaria publica, regida por um frade moço, irlandez. Em cima havia tambem um Collegio de educação, principalmente para os que se dedicam á vida ecclesiastica. Tem o Convento trinta frades, e a sua disposição interior não faz differença notavel da dos nossos Conventos. Conversei com alguns frades, que me trataram affavelmente, e ficavam um pouco espantados de saber que eu era portuguez. Creio que eu era o primeiro desta nação que lhes visitava o Convento.

As ruas de Malta cruzam se em angulo recto como as da baixa de Lisboa. As casas parecem fortalezas, porque são fabricadas de grossas pedras de cantaria, e não ha telhados, ha terraços. Não tem

verdadeiramente janellas, mas grandes balcões tapados de adufas ou rotulas *venezianas*, e guardados do sol por tendaes de esteira de canna. É já aqui assaz pronunciada a physiognomia oriental, e vi pela primeira vez taboletas em grego, das quaes uma á porta de um dentista, e outra á entrada de uma eschola, que dizia.

PRÓPYLEÓN TÉS TIMES É MATHESEÓS (a)

O passeio de Floriana assemelha-se a um grande tumulo de pedra, atravessado de corredores estreitos, em cujos intervallos ha grupos de arvores pequenas e enfézadas, acacias, loendros, &c. e algumas palmeiras, amostra das muitas, que depois encontraremos nos paizes orientaes.—Aqui passeia de tarde a melhor sociedade de Valleta, e abundam as damas cobertas com a sua elegante mantilha preta, differente da hespanhola, e fransida por tal arte que com um pequeno movimento de mão pode encobrir todo o rosto.

Os arredores de Valleta são muito povoados. Parecem muitas cidades continuadas; e como o terreno é dobrado, faz agradavel surpresa descobrir de cada eminencia novas pequenas cidades, que se não esperam. Os sabios e saloias maltezes não tem no vestuario differença sensivel dos nossos.

Ha em Valleta toda a qualidade de carruagens de aluguer á escolha do viajante. As *carroças* mais ordinarias e mais baratas são de varaes, puchadas por um só cavallo, e podem levar até quatro pessoas. O cocheiro vai a pé, e se o caminho é longo, senta-se sobre o varal. Deos vos livre de um cocheiro Maltez puro, porque não será possivel que elle vos entenda, nem vós a elle. A lingua ou dialecto maltez é uma especie de arabe corrupto, que ainda não foi possivel reduzir a escripto, apezar de muitas tentativas dos eruditos nestes ultimos tempos. E com

(a) Vai em caracteres latinos, pelos não haver Gregos na typographia.

quanto a lingua official e a das escholas seja a italiana, a massa do povo não conhece outra senão a especial do paiz.

Pude dispôr de alguns momentos para visitar a Bibliotheca Publica; collocada em parte do edificio do palacio do governo. A casa é grande e bella, mas pouco povoada de livros. Disseram-me que continha 30§ volumes, do que duvido.—Corri á pressa o catalogo dos manuscriptos, e nelle achei mencionadas as seguintes obras de auctores portuguezes:

„ *Museu de diverse cose di divotione materiali che sono nelle Chiese di Roma ed in altre varie parti del mundo, per Mat. Pinto de Castro.* „

„ *Obras poeticas de Fonseca (Fr. Antonio das Chagas)* „

„ *Obras poeticas de Thomas Pinto Brandão, 3.^a parte.* „

Entre os impressos notei especialmente as obras de Diogo de Carvalho e Sampayo, Cavalleiro de Malta, algumas das quaes são quasi ou totalmente desconhecidas em Portugal; e são:

„ *Elementos de Agricultura. Madrid 1790.* „

scriptos em portuguez, e vertidos em castelhano.

Ha na bibliotheca tanto a edição original portugueza, com a versão castelhana.

„ *Tratado das Côres. Malta 1787—4.^o* „

„ *Dissertação sobre as côres primitivas. Lisboa 1788—4.^o* „

Por um Jornal Maltez (*L' Ordine, Giornale Politico-Religioso di Malta*: 28 Settembre 1855) scube duas novas de Portugal.—*Anche il Portogallo* (dizia o Jornal) *intende di avere la sua espositione non mon liale, ma molto vasta, che avra luogo nell' estate del prossimo anno 1856 in Lisbonna. Figurarenno nella medesima i prodotti portoghesi e spagnuoli, e quelli specialmente delle Indie e della America. Non é detto ancora negli annunzi officiali si sarà fatto invito di concorrervi agli Stati di Europa.*—

N'outra parte dizia.—*Secondo lettere da Lisbona il re don Pedro già maggiorenne, sarebbe stato pro-*

clamato re di Portogallo. L'intimitá delle relazioni fra questo principe e l'imperatore, i suoi vincoli di parentela col principe Alberto, danno a questa circostanza un interesse speciale. E' quindi naturale di considerare il Portogallo quale potenza alleata e solidale della nostra, pronta, como fece il Piemonte, a combattere contro la Russia. =

Á segunda dei quarentena, porque estava em terra disso.

Trazia ainda o mesmo Jornal um artigo queixando-se da incuria e indolencia do governo de Malta.— Cá e lá. . . .

Temos visto ser Malta tão abundante de monumentos e memorias portuguezas, que seria sem duvida interessante á honra e credito nacional colligi-las e descreve-las em corpo separado.—O volume, que se pudesse inscrever=*Os Portuguezes em Malta*=, não seria menos curioso que os que tratam das accões dos Portuguezes em Africa, Asia, ou America.—E tanto mais curioso quanto resulta da simples comparação das datas que o seculo de maior esplendor portuguez em Malta foi o seculo passado, isto é, exactamente a epocha, em que se tornou sensivel nossa decadencia nas regiões ultramarinas.—Poucos mezes bastariam a um homem laborioso para levar ao cabo este trabalho; e não seriam perdidos alguns cruzados, que o Governo gastasse em tal empreza.

Não deixaremos Malta sem dar noticia de seus mergulhadores. No porto, ou nos portos de Malta, porque tem esta ilha dous portos magnificos, as aguas são tão serenas como em um pequeno lago de jardim. Assim os navios de grande lote, como é o *Nubia*, entram a toda a hora da noute, passam a poucos palmos distantes da terra, e fundeam quasi atraca-los uns aos outros. O fundo é de areia, o que torna a agua limpida e espelhenta. Dahi vem que andam muitos botes com rapazes mergulhadores, a quem não escapa qualquer pequena moeda, que por divertimento os passageiros lançam ao mar. Alguns

(19)

ha que em um só dia juntam assim em shillings e meios shillings algumas libras.

Na noute de 30 de setembro para a do 1.º de Outubro chegou a Malta o vapor da carreira de Marselha com a malla da India.—Recebida esta no *Nubia* com os passageiros vindos por aquella mesma via, largamos para Alexandria ás quatro horas da tarde do 1.º de Outubro.

V.

DE MALTA A ALEXANDRIA.

1.º D'OUTUBRO.— Em troco de alguns poucos passageiros, que ficaram em Malta, accresceram no *Nubia* mais de quarenta procedentes de Marselha e de Trieste, e algumas familias de Malta estabelecidas em Alexandria, que recolhiam a esta cidade, donde se haviam retirado com receio da cholera. Predominava entre os passageiros o numero dos Inglezes, mas havia Francezes, Italianos, alguns Gregos, e um Mouro indiano (de terras britannicas), que vinha de Inglaterra e da Exposição de Pariz com calça justa e botinha de polimento.— Na nova formada de passageiros havia tres generaes e suas familias com destino para a India: o General Scott, velho magro, serio, conservando sempre a gravidade da ordenança ingleza; o General Hearsey igualmente velho, mas fazendo em tudo contraste com o antecedente, gordo, faceto, e sem cerimonia; General Van-Cortlandt, nascido na India, descendente de Hollandez, com cara de Hespanhol. Servia no exercito da Companhia Ingleza, e tendo capitaneado os indigenas contra os inglezes, passou depois ao serviço destes contra aquelles.— Entre as Damas a que dava mais nos olhos era a filha do General Scott, mocetona roliça, de 19 annos, cabello castanho-escuro, olhos pardos e languidos, que alguns de nossos companheiros achavam excessivamente bella.

O tempo continuava delicioso; o mar parecia um liso espelho; e a viagem não offerecia incidente

notavel. Todos os dias impreterivelmente depois de romper a manhã servia-se no beliche o chamado caffè; almoçava-se ás nove da manhã; *lançava-se* ao meio dia; jantava-se ás quatro da tarde; tomava-se chá ás sete; e o ponche ás oito.—Das onze ás doze da manhã chiavam as charamellas na tolda, e repetiam a mesma scena das seis ás sete da noute no salão, e se fazia muita calma, na tolda.

A pouco e pouco os inglezes se foram tornando menos esquivos. Já fallavam seu bocado de francez, e admittiam connosco certa convivencia. Esta gente precisa tempo para se domesticar.

Os creados, ou *stewards* tambem se amaciaram um pouco á custa de alguns *shillings* e *half crowns*, sem embargo de ser expressamente declarado nas *Instrucções* da Companhia Peninsular e Oriental que no preço da passagem se incluem as gratificações aos creados, e que estes, se as pedirem, serão despedidos do serviço da Companhia (a).—Verdade é que elles as não pedem, mas olham muito para as mãos dos passageiros, e acceitam a esportula com soffreguidão.—Destine pois o passageiro algumas libras para esta verba, se quer gozar aquelles pequenos serviços, que dão tanta consolação a bordo. Destine alem disso outra boa porção de libras para acudir a certas eventualidades, a que por mil for- exemplo um pedaço de cordel para enlear o seu bahú, fornece-lho um marinheiro, que por muito favor se contenta com 5 *shillings* (1100 reis da nossa moeda). Quer que no mesmo bahú se pintem algumas letras para melhor indicar a direcção do volume, dá cá 3 *shillings*, isto é 660 reis de boa moeda portugueza. Perdeo a chave do cadeado, ha quem

(a) The Rates of Passage Money include *stewards' Fees*, Table, Wines, &c. for First-class Passengers. Bedding, Linen, and all requisite Cabin Furniture are provided in the Steamers at the Company's expense, together with the attendance of experienced male and female servants.

Servants soliciting gratuities will be dismissed from the Company's service.

lhe apresente outra, com tanto que dispenda um *half crown*, que são dous *shillings* e meio, ou 500 reis portuguezes. E assim por diante.

Tudo isto acho eu desculpavel, direi ainda, rasoavel no alto mar. Mas o que eu não posso perdoar á illustre *Peninsular and Oriental Steam Navigation Company* é consentir que os *Stewards*, tangedores das Charamellas, abram publica subscrição para extorquir aos passageiros libras e *shillings*. Libras e *shillings* dera eu por me não terem por tantos dias atroado os ouvidos com suas trombetas destemperadas.

4 DE OUTUBRO.—Que importava porem tudo isto, se o tempo continuava delicioso, e Alexandria se aproximava, ou nós nos aproximavamos de Alexandria? Era o dia 4 de Outubro o ultimo da viagem do Mediterraneo, e por conseguinte o dia do jantar da despedida, segundo a etiqueta.—Os logares á mesa são fixos. Aquelle que o passageiro tomou no primeiro dia do embarque pertence-lhe naquelle navio toda a viagem. Neste dia porem notei que certo inglez, cujo logar era proximo do meu em uma das extremidades da mesa, havia mudado para o centro. Conheci depois que o motivo da mudança era ter elle sido escolhido, ou ter-se talvez offerecido para *orador das despedidas*, e interprete dos agradecimentos dos passageiros ao Capitão. Era o proposto orador homem de meia idade, baixo, grosso, suissa grisalha, e lia ordinariamente livros de jurisprudencia, por ser de profissão advogado. Deixava Inglaterra para se ir estabelecer na India. Mr. Goodeve, era seu nome.—Á sobremesa levanta-se Mr. Goodeve, pede silencio, batem na mesa todas as facas, e foi feito silencio.—Com a invocação bannal de=*Ladies and Gentlemen*=começou o orador o seu *speech*, que a poucas palavras foi interrompido com estrepitosos signaes de applauso, batento facas e pratos na mesa, com evidente perigo de se esmigalhar tudo. Prolongou-se o discurso por mais de meia hora, sempre interrompido de applausos, misturados de mósas, risadas, e

sarcásticos á partes, o que tudo fazia uma inferneira insupportavel. O enthusiasmo do orador crescia na proporção da vozeria, e as ironias dos pragueiros cresciam á proporção do enthusiasmo do orador. Este concluiu pedindo, não tres *Ave-Marias*, mas tres *saudes* ao Capitão, que foram acompanhadas de *urrhas* universaes.

Restituído o silencio, e não sem custo, coube ao Capitão a sua vez de responder. Era o Capitão do *Nubia* um bom velhote, baixo, e cylindrico, vermelho como um pimentão, affavel quanto o pode ser um Capitão inglez, e muito assiduo e cuidadoso em suas obrigações.—O Capitão não possuía a loquacidade do advogado; balbuciou algumas palavras, e foi logo interrompido com novos *urrhas* mais clamorosos que os primeiros, que lhe cortaram o fio do discurso, do que elle deu graças a Deus.—Seguiram-se outras *saudes*; mas o enthusiasmo ia sensivelmente esfriando; e a pouco e pouco a companhia foi subindo para a tolda, a buscar o fresco da tarde, tão aprasivel, e a todos tão necessario.

Teve aqui logar uma scena, digna de ser narrada ao curioso leitor. Ia no navio um inglez, que podia passar por gallego, calçado de chinellos, vestido de casaquinho de riscado, e coberto de bonné da mesma fazenda. Todos os dias andava este homem para baixo e para cima carregado de thermometros, barometros, anemometros, e de outros muitos vidrinhos e instrumentos de nomes gregos mui custosos de aprender. Inculcava-se por Professor de Physica e Chimica, encarregado pelo Governo inglez de varias missões scientificas em diversas partes do globo.—O jantar, e sobre tudo as *saudes* ao Capitão tinham desenvolvido no nosso Professor physico—chimico a bossa scientifica. Estando elle pois junto da bussola meditando, qual novo Bacon, um capitulo da sua obra *De augmentis scientiarum*, travou conversação com um Americano inglez, homem tambem presumido de sabedor em meteorologia e navegação. Facil foi aos dons sabios trazer á discussão

os phenomenos da natureza.—Podem os ventos influir nas variações da bussola? pergunta o professor inglez.—Sim, responde o navegador americano.—Não, replica o inglez.—Segue-se disputa acalorada, que despertando a attenção dos outros passageiros, os reunio em volta dos dous academicos das conclusões magnas.—Da disputa scientifica passaram elles a comparar os titulos de seu merecimento pessoal. Eu cá, dizia o inglez, sou homem tão sabio e tão conhecido, que mereço a confiança do meu governo para viajar por conta d'elle em proveito do augmento das sciencias.—Pois eu, responde o americano, tenho viajado mais que vossê, e percorrido taes, e taes, e taes terras e regiões — E eu ainda muitas mais, acode o inglez, e por signal que são estas, aquellas, e aquelloutras.—Feitas as contas, no genero viagens ficava por baixo o americano, se por ventura o inglez não repetia decór algum dictionario geographico.—Continuou a disputa neste gosto, até que o americano rematou tratando o inglez de impostor, e dizendo-lhe que se elle era empregado pelo governo, só o poderia ser em algum hospital de doudos.—*Inde iræ.*—E agora vereis a academia de physica transformada em academia de socco. Acudiram os circumstantes, e os officiaes do navio obrigaram os *sabios da natura* a recolherem-se á cama, para lhes passar a paixão.

VI.

ALEXANDRIA.

5 DE OUTUBRO.—Pela manhã cedo chegámos á vista de Alexandria. Desembarcámos ás oito horas e meia da manhã. O caes de Alexandria é miseravel. Parece o caes de uma aldea do Ribatejo. Aquelle bello porto porem, tão frequentado de todas as nações de Europa, era digno de um bom cáes.—Grande numero de omnibus e outras carruagens esperavam os passageiros ao desembarque debaixo de toscos telheiros. Entrámos no omnibus do hotel Peninsular e Oriental, que nos conduzio por estreitas

ruas e do mais mesquinho aspecto ao hotel, a que pertencia, na praça principal, onde ha bellos edificios de genero mixto entre o oriental e europeu. As casas pela maior parte são formadas em saccada desde o primeiro andar, architectura, de que ainda vemos na Mouraria de Lisboa, na Rua de Sellaria de Evora, e em muitas aldeas da Beira, alguns restos, como memoria viva da occupação da nossa Peninsula pelos Mouros. Esta architectura é aliás usada em todos os paizes quentes do oriente, e perfeitamente adaptada a quebrar os raios do sol, e a diminuir o calor dentro de casa.

Ha muito bulicio e asafema nas ruas de Alexandria, mórmente nas que são proximas do porto. As cáfilas de camellos, as récuas de burros, o tropel de carruagens e outros transportes, que cruzam incessantemente aquellas ruas, tornam o transito perigoso aos peões, e principalmente aos estrangeiros inexpertos. Quem vale a estes é o *cicerone*. O *cicerone* de Alexandria já não é o francez ou o italiano adocicado de Malta; é um bravo mouro, que com meia duzia de palavras francezas, outras tantas italianas, e as mais em algaravia arabica se faz entender o melhor que pode dos estrangeiros. Para com seus compatriotas egypcios usa o *cicerone* alexandrino de outra linguagem muito mais expressiva, e é um bordão, com que vai abrindo caminho desancando o espinhaço, e zurzindo a cabeça de quem ousa oppor-se a sua marcha triumphante. O *cicerone* do Egypto no exercicio de suas funcções é inviolavel, e quebra a seu salvo cabeças e costellas.

Um conselho darei ao estrangeiro no Egypto. Não cáia em sair só e a pé do hotel, nem ainda á distancia de dous passos. Porque se escapa dos perigos atraz apontados, não se salva de outro, que o põe em grande aperto e embaraço. Mal tem posto o pé fora da porta, é rodeado por um exercito de rapazes, que lhe mete á cara outro exercito de burros, usando com grande espanto do viajante portuguez das palavras *burro*, *burrico*. Ao principio conser-

vam-se uns e outros a uma respeitosa ditancia; mas a pouco e pouco cada um dos conductores vai collocando o seu burro adiante do do visinho, e cada vez mais proximo do viajante; de maneira que em poucos segundos fica este n'um estreitissimo bloqueio asinino; e por mais que se esfalfe clamando em todas as linguas que sabe, e que não sabe, agradecendo a offerta dos burros, não pode romper, nem dar passo para traz nem para diante. Já lhe não acontece isto, se for acompanhado do competente *cicerone*; porque este com o protentoso talismã de pão fustiga burros e burriqueiros, e abre largo caminho a seu ephemero patrão.

Achámos no hotel um almoço, que, seja dito de passagem, foi o que mais nos agradou desde que saímos de Lisboa.— O dono da casa é o Sr. Philip Sech.— Havia alli uma longa lista de vinhos, mais ou menos apocryphos, que comprehendia 25 qualidades do tinto e 17 do branco; porem de nome portuguez nenhum, e dos hespanhóes apenas dous, Xeres e Malaga.— O vinho mais barato da lista era a 3 *shillings* (660 réis) a garrafa; o mais caro custava 20 *shillings* (uma *libra*), e era o celebrado vinho de Johannisberg em Allemanha, terra do dominio do velho principe de Metternich.

Depois d'almoço fomos ver o nosso Consul o Sr. Populani. Apenas entrámos na salla, veio logo o grande cachimbo egypcio provido de optimo tabaco, e caffè em chavenas pouco maiores que dedaes, preparado á moda oriental. O cachimbo egypcio é um tubo de oito a dez palmos de cumprimento, que se estende pelo chão, e favorece a preguiça dos fumantes recostados em seus sofás.— Este introyto foi a amostra da delicadeza e urbanidade, com que fomos recebidos em casa dos Senhores Populani, porque são muitos os membros da mesma familia.

Não havia tempo a perder.— Agradecendo aos Senhores Populani suas attenções, fomos de carruagem ver o palacio ou serralho do Pacha. Não julgou que vimos as mil e umas formosas mulheres

deste potentado; não senhores. Contra o que comumente se crê na Europa, o serralho distincto do harem, e é neste que habitam as bellas odaliscas.—Está o palacio do Pacha um pouco retirado do centro da cidade, em sitio aprasivel, e dominando todo o porto de Alexandria.—Aqui nem os jardins da entrada, nem o grande leito de prata do Pachá, nem a finura dos marmores da casa do banho, nos chamaram tanto a attenção como o esplendor e bom gosto das sallas, a riqueza das tapeçarias, e a elegancia dos moveis. De uma para outra salla cresce successivamente a admiração. O que porém é sobre tudo rico e primoroso é o entalhado dos pavimentos, em que a preciosidade das madeiras, a variedade das cores, a perfeição do desenho, e o brilho do polimento deixou absortos ainda aquelles, que tinham frequentado os mais ricos sallões de Lisboa. A salla *redonda* é de uma magnificencia tal desde o tecto até ao pavimento, que mal se pode descrever.—Á saida offerece sempre o jardineiro um ramallete a cada senhora, o que custa mais algum shilling além daquelles, que infallivelmente já foram distribuidos a outros servidores desde as sallas até ao fundo da escada.—O Pachá, ou como nós lhe chamamos na Europa, o Vice-Rei, estava fora de Alexandria. Anda sempre volante a pezar de sua immensa gordura, e muda continuamente de habitação.

Do palacio fomos á columna de Pompeo, e agulha ou obelisco de Cleopatra. Estão estes monumentos do antigo Egypto descriptos por tantos viajantes, e estampados em tantos livros e paineis, que seria indesculpavel pedantismo repetir aqui o que todo o mundo delles sabe.—Só aviso o viajante para que leve á mão algumas pequenas moedas para remunerar um enxame de raparigas e rapazes, que lhe vem offerecer fragmentos de granito extrahidos da base dos monumentos: e tenha a advertencia de levar boa moeda egypcia para evitar questões desagradaveis com esse pequeno povo beduino. **Em caso**

de necessidade o *cicerone* empresta algumas moedas de cobre.

Em Alexandria recebemos noticias da India. Pela *Gazeta de Bombaim* de 12 de Setembro soubemos que o Governador daquella Presidencia, havendo recolhido de sua digressão em fins de Agosto, fora residir no Palacio da Ponta de Malabar, para deixar desoccupado o Palacio de Parell, a fim de receber o novo Governador da India Portugueza, alli esperado nesta mesma malla, em que effectivamente hia.

Às quatro horas da tarde marchámos para a estação do caminho de ferro, e passámos por um bairro singular, que merece especial menção. Fiquei-lhe eu chamando o *bairro das possilgas*, porque outro nome não posso dar ás habitações, que o compoem. —Figurai vós umas poucas de ruas formadas de *malhadus de porcus* do feitio das que usam os lavradores do Alemtejo em suas herdades, mas muito mais immundas e fetidas, fabricadas todas de barro, inclusivamente o tecto, e habitadas de *fellahs* ou gente pobre trabalhadora, quasi núa. —E isto a pouca distancia dos dourados sallões do palacio do Pachá, e do grandioso edificio da estação dos caminhos de ferro! —Porque é de saber que ha já no Egypto um grande lanço de caminhos de ferro a pezar dos calculos dos economistas, e dos agourentos presagios dos politicos, que por tanto tempo obstaram á sua construcção neste paiz. —Quem tenha razão, é segredo do futuro.

À hora aprasada sibilou a locomotiva, e rodou pelos *rails* o grande *trem*, que conduzia todos os passageiros. Não descreverei eu nem os caminhos de ferro, nem a belleza e *conforto* dos *wagons*, nem as impressões, que se sentem quando pela primeira vez se entra *a serio* neste rapido e commodo meio de transporte. —Digo *a serio*, porque todos nós haviamos já mais ou menos experimentado em forma de brincadeira a velocidade das locomotivas no nosso encetado caminho de ferro de Lisboa a Santarem,

contra o qual tambem não saltaram longos calculos de economistas, e tristes presagios de politicos.

VII.

DE ALEXANDRIA AO CAIRO.

Era a estação da inundaçãõ do Nilo, mas começava a baixar. Todos sabem como as inundações deste rio são a causa da fertilidade historica dos campos do Egypto, como se celebram com ceremonias religiosas, e como nos annos, em que falham, ou são escassas, é inevitavel a fome, e sobrevem as outras *pragas* proverbiasaes deste paiz.

Em quanto durou o dia gozãmos da frescura da tarde, e disfructãmos aquelle delicioso panorama.— Os campos do Nilo são uma especie de lesirias do Tejo, cujo limite se confunde com o horisonte. Esta immensa lesiria estava ainda em grande parte alagada, e na parte já enchuta via-se o terreno matizado de searas de milho, de arroz, e de inhame, mais ou menos desenvolvidas. Agora encontravamos o lavrador *fellah* com seu tosco arado, puchado a bois, fazendo uma lavoura á flor da terra; logo rebanhos de ovelhas e de cabras; mais adiante partidas de bois, de bufalos, de cavallos e camellos.

Da planice da lesiria se elevam pequenos outeiros (*mamellons*), que no tempo da grande innundaçãõ se tornam verdadeiras ilhas, e nelles se apinham as choupanas-cavernas dos pobres agricultores, habitações já nossas conhecidas desde o *bairro das pos-silgas* em Alexandria. De espaço a espaço algum mausoleo, ou algum palacio mais ou menos sumptuoso, chamava a nossa attenção.

À esquerda do caminho de ferro corre o canal de Mahomudhié, obra do celebre Pachá Mahemet-Ali, pai do actual Said-Pachá. Foi esta obra um grande titulo de gloria para Mahemet-Ali, mas poucos annos bastaram para quasi a inutilizar, ficando em grande parte obstruida. Em *viagens* ainda recentes acharão os leitores amplas descripções deste canal

e de quão perigosa era a navegação delle até ás comportas de Nilo. Hoje graças á invenção dos caminhos de ferro, livram-se os passageiros das demoras e perigos do canal, e em vez de serem transportados a reboque em barcaças pouco aceiadas, vão commodamente reclinados nos bem estofados cochins dos *wagons*. O caminho de ferro aberto á circulação chegava na occasião da nossa passagem a Caffer-el-eish nas margens do Nilo, e tinha a extensão de 60 milhas. Affirmaram-nos em Alexandria que dentro em dous mezes estaria ligado sem interrupção até ao Cairo, e que bastariam dous annos para atravessar até Suez. Não acho impossivel que assim seja; e desde já conto achar este grande melhoramento, quando embora voltar para a Europa (a).

Era já muito de noute (sete horas e meia) quando chegámos a Caffer-el-eish. Ahi esperavam a comitiva dous barcos de vapor, n.º 11, e n.º 14. A colonia portugueza coube o n.º 11. Á luz de fachos accesos, e no meio de incrível confusão passaram os viajantes dos *wagons* para os vapores. Parece impossivel como se não precipitou no Nilo muita gente, tendo de passar para bordo por cima de uma estreita prancha sem guardas, que balançava debaixo dos pés, e parecia estalar e partir-se a cada momento. Finalmente embarcámos, e achámos já a bordo todas as bagagens, que havião sido conduzidas de manhã em um *trem* especial do caminho de ferro. Estavam porem todas amontoadas na tolda dos vapores, de maneira que apenas deixavam estreitos intervallos por onde era mui difficil passar. Se a tolda estava entulhada de bagagens, entulhadas de passageiros ficaram as pequenas camaras dos vapores, e os poucos beliches que havia. Cada um se accommodou como poute. Houve quem não teve a onde deitar-se, e passou a noute em pé encostado aos fardos das bagagens. Eu felizmente não fiquei tão mal

(a) Effectivamente a linha de caminho de ferro de Alexandria ao Cairo foi concluida e aberta em Dezembro de 1855.

accommodado, e com algum trabalho ainda arran-gei soffrivel ceia. Pede a verdade que confesse que o cosinheiro do Nilo me não pareceo ser inglez. Fóra dos hotéis não comi em toda a viagem coisa mais bem cosinhada.

As oito horas da noute largaram os vapores. O n.º 14 passou logo para diante, e nunca mais o avistámos. O nosso n.º 11, mais ronceiro, foi vencendo como ponde as 80 milhas, que vão de Caffer-el-eish até Bulac.

Logo que amanheceo puz-me a pé. Desejava vêr o Nilo. Mas quando o vi, não me podia capacitar que estivesse no Egipto. Affigurava-se-me irresistivelmente estar entre Alhandra e Villa-França, tanto se parece nesta paragem o Nilo com o Tejo! É porem a corrente do Nilo mais impetuosa que a do Tejo; e as aguas ião excessivamente turvas pela grande massa de terras, que levavam suspensa. Nas margens eram frequentes as noras de engenho, que nós em Portugal chamamos, *á mourisca*, movidas por um boi, bufalo, ou camello.

As oito horas da manhã avistamos ao longe sobre a margem esquerda as tres Pyramides de Giséh ou Gisah. As oito e meia ficámos surpresos avistando na nossa frente a grande ponte ou *barrage* de Qualâet-saidyé, cujo fim é quebrar a corrente do Nilo, constrangendo as aguas a espriar-se pelos campos, e a produzir uma inundação artificial. É esta ponte (*barrage*), ainda não de todo completa, obra sumptuosa, de lindissima architectura, e construida de tijollo cosido e cantaria. A cada lado tem comportas (*écluses*) para a passagem das embarcações. É de maravilhoso effeito o lançado da arcaria, e o feitio dos torreões mouriscos, que de espaço em espaço se levantam sobre as guardas da ponte.

Assim iam os repartindo a nossa attenção entre a obra gigantesca da antiguidade egypcia (pyramides), e a obra moderna da civilisação europea importada no Egypto (*barrage*); sem todavia deixarmos de contemplar as scenas, que presenciavamos a bordo do

pequeno vapor n.º 11.—Aqui ia a nosso lado o Official francez ao serviço do Pachá com seus uniformes semi-arabes, e semi-europeus; o verdadeiro crente musulmano fazendo sua oração, passando e repasando tanto para traz como para diante as contas do seu..... do seu *rosario*, (peço perdão da blasphemia!); mas sem por isso deixar de sustentar conversação seguida com os companheiros: outro coberto de albornoz de burél, exactamente do feitio do gabão aguadeiro dos nossos camponezes de Alemtejo, que nisto e em mais alguma cousa não desdizem de seus ascendentes mouros.

As onze horas da manhã chegámos a Bulac, povoação que propriamente é o porto do Cairo. Ha aqui fabricas a vapor, armazens de mercadorias, boas casas, e alguns palacios. Esperavam no caes as carruagens dos hoteis do Cairo. Tomámos a do hotel oriental. Passámos logo por um grande campo ou rocio, que parecia uma feira de camellos, e eramos que deviam daqui conduzir a Suez nossas bagagens. Trotámos por mais de um quarto de hora até chegar ao hotel acima referido, situado em um dos arabaldes do Cairo.—De Bulac ao Cairo ha uma bella estrada formada em terraplano elevado sobre um largo paúl. Fez-me recordar a *ponte* das Rilvas, mas esta do Cairo é muito mais extensa.

VIII.

O CAIRO.

O Cairo é a moderna Babilonia. Ha alli um borborinho, e um movimento espantoso. Até as damas egypcias saem mais á rua no Cairo do que em Alexandria. A quem vai dos paizes catholicos de Europa parece-lhe que muitas comunidades de freiras quebraram a clausura ao mesmo tempo, e se derramaram a passear pela cidade. Tanto se assemelha o vestuario das damas egypcias ao das nossas religiosas!. Só ha differença em cobrirem as egypcias o rosto não com veo, como as freiras, mas com uma espe-

cie de denso escapulario, que desce da cabeça até aos pés, e deixa apenas duas aberturas em frente dos olhos. Vereis no Cairo por toda a parte estas damas rebuçadas. Aqui vão duas n'uma bella carruagem ingleza, puxada por uma soberba parelha de cavallos, e guiada por dous creados negros ricamente vestidos de branco: alli vai uma em burrinho, montada como qualquer homem europeu, e acompanhada pelo pequeno arrieiro, que ás vezes lhe segura a redea: mais adiante encontrareis algumas a pé, levando em sua companhia varias crianças vestidas á europea &c.—Fica por vossa conta imaginar se aquelles olhos negros, que brilham no fundo da mascara, pertencem ou não a um formoso rosto. Se algu na mulher se vê de cara descoberta, é sempre do povo baixo e velha, ou se moça, feia e suja.

O hotel oriental fica, como disse, em um dos extremos da cidade. Junto do hotel ha um grande passeio ou jardim publico, obra de Mahemet Ali, que gastou muito dinheiro para entulhar o paúl, e plantar o arvoredo

As ruas do Cairo, estreitas e tortuosas, com seus balcões immundos de mercadores ainda mais immundos, com seus edificios levantados em saccada, com aquelle labyrintho de gente, de burros, camellos, e carroças, parecem-se com as ruas de Alexandria, e com as de todas as cidades orientaes onde predomina n as raças musulmanas e gentias. As carruagens europeas, tão frequentes no Cairo, bem se vê serem alli planta exotica. Não foram aquellas ruas talhadas para ellas. Parece incrivel como se não quebram todos os dias muitas carruagens, ou não ficam esmagados muitos desses miseraveis, que transitam a pé, principalmente os pobres cegos, que no Cairo se contam aos milhares.

No hotel achámos o indispensavel *cicerone*. Desta vez acertámos com um mouro já velhote, que falava francez mui correntemente, se dermos desconto ao vicio arabe de trocar constantemente o *p* pelo *b*. Assim dizia *balais* por *palais*; *babier* por *papier*; *le*

bremier por le premier &c. &c. Tinha residido em França, conhecia o mundo occidental, e sabia satisfazer até certo ponto a curiosidade do viajante sobre as cousas da sua terra.

Guiou-nos á cidadella. Ha nesta um dos mais grandiosos monumentos do Egypto, e talvez do mundo. É a Mesquita fundada por Mahemet-Ali, e onde elle jaz sepultado. Exteriormente tem um grande pateo ou adro em forma de claustro, no centro do qual ha uma fonte de singular architectura. A Mouro não é permittido entrar calçado; e a christão propõe-se à porta um dilemma, ou descalçar, ou esperar que os guarda-portões lhe calcem uns sapatos mouros por cima do calçado, que leva. Se os sapatos disponiveis para este fim não chegam para todos os viajantes, ha de reserva uma especie de chinellas de serapilheira, mais ou menos esfarrapadas, para involver os pés. A mim coube-me em sorte calçar uns sapatinhos, em que mal cabia a ponta da bota, e se escapavam a cada passo. Mesmo assim fui-os arrastando como pude até entrar no recinto da mesquita. Porem aqui os taes sapatinhos rebellaram-se abertamente contra as botas, imbirraram a saltar fora, e os guardas do templo imbirraram da sua parte a não me deixar dar passo sem elles, mostrando-se mui dispostos a pegar em mim em charolla, e a arrojar-me fora do templo em caso de resistencia.

Foi esta uma das maiores atrapalhações da minha vida. Em tão critica posição eis pouco mais ou menos o dialogo, que na linguagem de pantomima e monosyllabos se travou entre mim e uma alcatea de mouros.

Mouros.—Bem sabes, christão, que a ninguem é licito manchar o sagrado pavimento da mesquita do Propheta, que nós beijamos com a bocca, e varremos com a testa. O verdadeiro crente entra sempre descalço. A christão porem permite-se por equidade poder tomar sobre seu calçado impuro outro que evite a profanação. E se por qualquer motivo não pode servir-se do calçado, que generosamente se lhe offerece á porta do sanctuario, é forçoso descalçar-se.

Eu — Meus amigos mouros, bem vedes que se os vossos sapatos saíram de marca pequena, não é minha culpa. Tomai contas disso a vossos irmãos lá de fóra. Eu como bom hospede acceitei o que me deram. (E nisto fazia eu incríveis esforços para enfiar os taes sapatinhos.)

Mouros — Seja de quem for a culpa, é certo que quebrantas nossa lei; e nós estamos aqui para zelar seu cumprimento.

Eu — (procurando novamente o chinello, que se havia escapado). Não é meu intento quebrantar vossa lei. Respeito o Propheta, e não desejo ser-vos desagradavel. Trazei-me pões calçado, que me sirva.

Mouros — É mais facil e mais prompto expediente o descalçares-te. Alem de que não esperavamos hoje tantos hospedes, e por isso não ha provimento sufficiente de calçado. Não vês alli aquelles inglezes, e aqui este portuguez teu companheiro, descalços sem cerimonia? (E era verdade). Toma pois o seu exemplo, e o nosso conselho.

Eu. — Nem um nem outro tómo. Conselho por conselho, tomai vós antes o meu. Furnecei-me calçado que me sirva. Recompensar-vos-hei com alguns *skillings*.

Mouros. — Isso agora é outro caso. (Uns para os outros, e á parte: *Muito bem se explica este infiel!*)

Palavras não eram ditas, e já eu estava com os pés envolvidos n'uns pedaços de serapilheira velha, que miraculosamente me congraçaram com o Propheta e seus adoradores. Respirei, e pude então observar o monumento á minha vontade.

Fica-se um pouco assombrado quando se contempla a vastidão do edificio, a elegancia de suas formas, a profusão dos ornatos architectonicos, a riqueza das douraduras, a grandeza do lustre central, a infinidade das lampadas ou antes lanternas penduradas no tecto, a variedade das cores das vidraças &c. &c. Esta mesquita tem muita similhaça com uma igreja christã. Até no choro e no pulpito a similhaça é notavel.

Á entrada da porta principal sobre a direita ha uma especie de capella, que encerra o tumulo de Mahemet-Ali, cercado de bella gradaria de ferro, e coberto com um riquissimo panno de velludo. Junto delle estam perpetuamente alguns *merceeiros*, que rezam por alma do celebre Pachá sem interrupção dia e noite.—Á saida da mesquita notámos a formosa torre do relógio; e logo demos com os olhos nas pyramides de Giseh, já nossas conhecidas, e no outro grupo de pyramides chamadas de Saharah ou do deserto.

O palacio do Pachá na cidadella é muito inferior ao de Alexandria. Só a casa do banho me pareceo mais rica em marmores. Da cidadella descobre-se a maior parte da cidade, estendendo-se ao longe por entre a pomposa vegetação de palmeiras e cactos.—Os minaretes são tantos e tão bastos, que figuram um denso pinhal.—Tal é a abundancia de mesquitas no Cairo!—A maior parte destas mesquitas tem annexa uma eschola, onde os rapazes aprendem cantando a soletrar da direita para a esquerda.—O Cairo pode definir-se a cidade dos minaretes, dos cegos, e dos albornozes azues.

Junto da cidadella está o poço, chamado de Joseph. Respeitámos a tradição, mas recordámos-nos de ter lido na Biblia (*Genesis*, Cap. 37. v.º 24) que o poço, em que os filhos de Jacob lançaram seu irmão, era uma cova vasia, em que não havia agua. Alem disso parece que o tal poço não era em terra do Egypto, por que os mercadores, que compraram a Joseph, caminhavam para o Egypto, e para o Egypto o levaram. (*Genesis*, Cap. 37. v.º 25 e 28; Cap 39. v.º 1.).—Ora este poço não só está no centro do Egypto, mas tem tanta agua, que a não dão tirada dous bois puxando ao engenho de nora alli collocado.

Se me disserem que o poço se chama de Joseph, por se reputar obra deste, quando era valido del Rei Pharáo; não perguntarei pelas provas; respeitarei ainda a tradição, e passarei avante.

Descendo da cidadella vimos um grande edificio de forma redonda. É o harem de Mahemet-Ali, e

alli vegetam e envelhecem em perpetua viuvez nada menos que 300 mulheres do defuncto Pachá. Lamentámos a triste sorte destas miseras e mesquinhas, mas não estava em nossa mão dar-lhes remedio.

Recolhemos perto da noute ao hotel. Achámos á porta um domador de cobras. Tirou de um velho alforge muitas cobras e serpentes das especies mais venenosas, como as de capello, e outras, e com ellas brincava e brigava impunemente. Tem estes homens arte de quebrar os dentes da cobra, e impossibilita-la assim de morder, e de expellir o veneno. Conhecem alem disso efficazes contravenenos, de que andam sempre munidos.

Não faltavam tambem á porta do hotel rapazes offerecendo fructas e outras bagatellas. Mas o que não era bagatella, era o dinheiro que por cada objecto pediam. Nunca menos de um *shilling* por uma romãa, por exemplo, ainda que por favor abatiam até *six bence* (*six pence*); isto é, meio *shilling*.

Fazia as honras da casa no hotel uma dama franqueza, que nos fez preparar boa ceia, cozinhada e servida ao uso de sua nação, com o que démos por bem empregada a *meia libra* e um *shilling*, taxa, que por dia paga cada pessoa naquella casa.

As nove horas da noute deste mesmo dia partio o primeiro comboi de carruagens para Suez. Cada comboi consta de cinco carruagens, e cada carruagem accomoda seis pessoas. A fim de ser mais agradável o transito aos passageiros, recommenda a Companhia que elles se concertem entre si em turmas de seis pessoas, e com antecedencia avisem no escriptorio. A agencia faz publicar nos hoteis listas dos passageiros assim aggregados, declarando a carruagem, que a cada turma compete, e a hora da partida.

IX.

DO CAIRO A SUEZ.

7 DE OUTUBRO.—O 2.º comboi, em que entraram alguns dos nossos portuguezes, partio ás cinco

horas da manhã; e o 3.º ás nove. Neste ia eu, s Major Brito, a mulher deste e a minha, o Alfereio inglez Du Jardin, e o mouro indiano da botinha de polimento.

O transito do Egypto corre todo por conta do Pachá. As carruagens são *chars-á-bancs* de dous assentos longitudinaes. um pouco estreitos, mas soffriavelmente estofados. São puchadas a duas parelhas, uma de cavallos na frente, e outra de muares aos troncos. Um cocheiro mouro na almofada, e um pequeno beduino semi-nú por sotta, atraz no degráo da portinhóla.

Do Cairo a Suez vai distancia de 80 milhas por uma bella estrada toda macadamisada e sem declives. Atravessa o deserto, que por este lado já não é deserto, mas que nós continuaremos a chamar assim pela mesma razão que em Portugal se chama *Villa nova* a muitas villas bem velhas. De cinco a cinco milhas ha uma estação postal para mudas, sendo a 4.ª 8.ª e 12.ª ao mesmo tempo hotel para refeição e descanso dos passageiros.

Á saída do Cairo por espaço de algumas milhas é a estrada *bordada* de arvores; dahi em diante ficam as arvores substituidas por ossadas de camellos, as quaes se repetem ao longo da estrada quasi com a mesma regularidade das arvores.— Tres quartos de hora se gasta a trote de estação a estação, e em cada uma ha só a demora necessaria para a muda.

Nas estações-hoteis está a mesa posta, e ha descanso de uma hora até hora e meia. Apontei como cousa digna de admiração achar nas listas dos vinhos destes hoteis, o vinho do Porto, que não achei em Alexandria. Ainda que o tal vinho não tivesse do Porto mais que o nome, acceitei esta honrosa menção como homenagem devida ao precioso liquor das margens do Douro.

Defronte da estação-hotel central (12.ª) cousa de uma milha fica um grande palacio do defuncto Abbas Pachá, que folgava de passar nesta solidão alguns

dias de descanso. *Dar-el-Kamra* se chama o sitio, e o palacio.

O terreno do deserto é terreno de alluvião, areento, e do aspecto semelhante ao da charneca da margem esquerda do Tejo. Com tudo produz menos vegetação, e alguns camellos magros aproveitam essas poucas e enfezadas plantas, que nascem aqui e alli.

Naturalmente travámos conversação com os nossos companheiros estrangeiros. O alferes inglez fallava um pouco francez, e o mouro fallava bem inglez, e tinha (dizia elle) grande pena de não fallar o portuguez, tanto mais quanto era elle a unica pessoa de sua familia, que ignorava esta lingua. É visinho da praça de Damão, tinha conhecido varios portuguezes, que alli serviram, e perguntou com interesse noticias de alguns delles.

Assim fomos disfarçando o enfado da viagem. O dia estava fresco, como dia de Outubro em Portugal, nem abafavamos de calor, nem eramos suffocados pela areia, nem mordidos dos mosquitos. Nada disto. —Gozando da bella viração da tarde, avistando na frente a serie das estações postaes, ao lado da estrada a linha de telegraphos, que semelham moinhos de vento, fomos surprehendidos pela noite, e caminhando até ás tres horas da manhã dem's entrada em Suez, fatigados e moidos, sem termos visto o phenomeno da miragem; no que foram mais felizes os nossos compatriotas, que partiram do Cairo no comboi da madrugada.

X.

SUEZ.

8 DE OUTUBRO.— O *guerreiro e muito antigo lugar de Suez* (como lhe chama D. João de Castro no seu *Roteiro de Goa a Suez*, pag. 214) jaz no fundo do mar vermelho, que estreitando deste lado, toma o nome de Golfo de Suez. É uma grande aldea, habitada de mouros e beduinos, e de alguns europeos empregados no *Transito*.— De manhã cedo saimos a ver a

terra, e a procurar nossas bagagens. — Se as ruas de Alexandria e Cairo são estreitas e sujas, figure-se o que serão as de Suez; habitadas por gente semi-barbara e quasi nua. Passeámos um pouco pelo bazar, ou bairro dos mercadores, mas recolhemos logo por não sympathisarmos com as maneiras e olhar dos beduinos. Na praça algumas mulheres moiam trigo em pequenas moendas de mão. Não vi aquillo em outra parte.

Na praia andava um engenheiro francez pondo balizas, e diziam ser para levantar a planta de um canal, que atravessasse o isthmo. Esta empresa, já tentada na remota antiguidade, fallada em todos os tempos, reputada por uns facil e por outros inexequivel, virá a realisar-se em nossos dias? E não bastará a communicacão projectada, e já tão adiantada pelo caminho de ferro? Pouco tardará que o não vejamos. (a)

(a) Na hora, em que isto se imprime, parece estar definitivamente resolvida a questão. — Eis o *Relatorio*, que ao Vice-Rei dirigio em 2 de Janeiro do corrente anno a Commissão internacional, encarregada de estudar este assumpto.

» *Relatorio a Sua Alteza Mohamed Said Pachá, Vice-Rei do Egypto.*

Sua Alteza chamou-nos ao Egypto para estudar a questão de abrir um canal atravez do Isthmo de Suez. Provedo-nos dos meios de julgarmos na propria localidade do merito das differentes soluções propostas, convidou-nos a propôr-lhe a mais facil, mais segura, e mais vantajosa ao commercio da Europa.

Nossas investigações, favorecidas pelo tempo como era para de-sejar, facilitadas, e abreviadas pelos amplos meios postos a nossa disposição, estão terminadas.

Encontramos innumeraveis, ou antes insuperaveis obstaculos para dirigir o canal a Alexandria; e inesperadas facilidades para estabelecer um porto no golfo de Pelusio.

Um canal directo de Suez ao golfo de Pelusio é por tanto a unica solução do problema da junção do Mar Vermelho e Mediterraneo; e sua execução é facil, o resultado certo, e as vantagens immensas para o commercio do mundo.

Nossa opinião a este respeito é unanime; e nos propomos a dar por meudo nossas razões em folheto separado, acompanhado de plantas hydrographicas das bahias de Suez e Pelusio, com o mappa da conformação do terreno, por onde o canal deve correr.

A compilação deste folheto deve levar algum tempo, e como

As bagagens achámo-las com effeito na praia, e alguns volumes ainda ás costas dos pobres camellos, que haviam chegado a Suez no dia de antes á tarde. — O passageiro tem de tomar aqui um trabalho indispensavel, e é vigiar que suas bagagens se não confundam ou extraviem. Não ha perigo de se perderem, sobre tudo se levarem bons letreiros, porque a administração do *transito* é exemplar em tomar conta dos volumes: mas se os letreiros são equivocados, ou faltam, pode facilmente o volume mudar de destino, e haver depois grande demora em sua restituição.

Como os volumes de bagagem estavam dispersos pela praia, era necessario reuni-los. Para isso acodem logo muitos beduinos; cada um pega em seu fardo, e não ha tê-los mão. Bem podeis deitar os bofes pela boca fora rejeitando a officiosidade

temos de o compôr na Europa, só daqui a alguns mezes o poderemos apresentar a Sua Alteza.

Por ora damos as seguintes conclusões:

1. A linha de Alexandria não é admissivel debaixo do ponto de vista technico e economico.

2. A linha directa offerece todas as facilidades para a execução do canal marítimo, propriamente dito, com um ramo para o Nilo; e as difficuldades ordinarias para a criação dos dous portos.

3. O de Suez abrir-se-ha com larga e segura embocadura, accessivel em todo o tempo com 8 metros de agua a 1600 metros da praia.

4. O que hade ser formado no golfo de Pelusio, e que o primeiro plano collocava na extremidade do golfo, será collocado 18 kilometros mais a Oeste, onde ha 8 metros de agua a 2300 metros da praia, com bom ancoradouro.

5. A despeza do canal dos dous mares, e das obras a elle relativas não excederá a somma de 200 milhões de francos, segundo o orçamento dos engenheiros do Vice-Rei.

Os membros da Commissão internacional para abrir o canal através do Isthmo de Suez.

F. Conrad—Presidente.

A. Renaud.

Negrei.

I. M. Lean.

Lieusson, Secretario. ,,

Alexandria, 2 de Janeiro. „(The Bombay Gazette, 26 de Fevereiro de 1856.)

beduina: a nada attendem; servem-vos contra vossa vontade; e são depois inexoraveis na exigencia dos *shillings*.—Aqui é que a gente suspira pelos seus *cicroni* de Alexandria e Cairo (em Suez não ha *cicroni*); aqui é que conhece a falta, que lhe faz o milagroso bastão, polyglotta persuasiva e convincente.

O porto de Suez, em que antigamente residiam as armadas do Turco, está hoje deserto de navios. Alem dos vapores da carreira, estava alli apenas outro navio, tambem inglez.

XI.

DE SUEZ A ADEN.

Ao meio dia entrámos n'um pequeno vapor para passarmos para bordo do *Norna*, da Companhia Peninsular e Oriental, fundeado ao largo, que levantou ferro ás cinco horas da tarde. Iam nelle só os passageiros destinados a Bombaim. Os que seguiam para Ceilão, China, Madrasta, e Calcuttá ficaram esperados para o dia seguinte, e partiram n'outro vapor, chegado neste dia ás duas horas da tarde.

No *Norna* achava-se a comitiva dos passageiros reduzida a menos de ametade. As damas cada dia se tornavam menos esquivas, e revelavam alguma nova prenda. Já muitas fallavam francez, outras tocavam, algumas cantavam. Tocavam e cantavam, já se sabe, a musica britannica, irmã gêmea da musica gentilica da India. Faltava a musica de charamellas dos *stewards*, no que nada perdemos, antes ganhámos alguns *shillings*.

A tripulação do navio era toda de mouros indianos.—Os *stewards* em parte mouros, e em parte christãos nativos da India, alguns dos quaes comprehendiam um pouco o portuguez, o que nos não deixou de ser agradavel, e até certo ponto util.—Á mesa havia *Pancá*. *Pancá* é o ventilador. Suspende-se no tecto ao longo da mesa, e alguns creados o fazem balançar para dar frescura. É cousa agradavel, com-

mumente usada na India, e nestas paragens quasi necessaria.

A pezar de todas estas apparentes vantagens, a nossa condição mudou muito para peor no *Norna*, comparada com a que tivemosos no *Nubia*. O *Norna* é um navio sujo, cheio de baratas e outros insectos. O *Nubia* aceiadissimo. No *Nubia* a cozinha era sim má para nós, mas boa e apetitosa para inglezes. A do *Norna* era nojenta e repugnante para nós, e pouco supportavel aos proprios inglezes. Os vinhos e refrescos bons e abundantes no *Nubia*, não somente eram pessimos no *Norna*, mas tão escasos, que a *soda-water*, essa ambrosia dos paladares britannicos, acabou-se logo nos primeiros dias da viagem. A manteiga e a bolacha podres; o assucar mascavado; e tudo o mais neste bom gosto.

Já se vê pois a fome e sede, que todos tivemosos de supportar (salva a honrosa excepção de um joven portuguez, que devorava empadões de massa crua e outras mixorofadas nauseantes com um *áplomb* e desembaraço, que causava espanto aos mais experimentados gulotões inglezes.)

Admirai porem o rigorismo logico dos inglezes!— Como estavam quasi supprimidas a bordo do *Norna* as operações de comer e beber; calculou, e calculou bem a *Peninsular and Oriental Steam Navigation Company* que ficariam *ipso facto* também supprimidas as outras operações corporaes, consequencia natural do comer e beber. Por isso não somente achámos reduzidos no *Norna* a numero *um* os logares proprios para exercer taes operações, quando no *Nubia* os havia entre camarote e camarote; mas esse mesmo unico logar situado em posição incommoda. Alem disso ficámos sabendo na primeira noite que era prohibido haver nos camarotes e beliches do *Norna* qualquer especie de vaso ou receptaculo, onde se podesse a des-horas satisfazer alguma necessidade urgente, que porventura podesse ainda sentir-se, apezar da dieta mais que pythagorica, a que nos viamos reduzidos.— Nesta regra é inexoravel a Companhia de Suez á vante. Não

(43)

tem contemplação nem com a delicadeza do sexo feminino, nem com os tormentos do enjoado, nem com os padecimentos do enfermo! Nada!—A Companhia diz a isso que ella não tem culpa de que as damas sejam delicadas, os enjoados vomitem, e os enfermos padeçam.—Corram as *libras* aos centos para o boço da Companhia; e cada um augmente-se como poder!!! —Quer dizer que nós pagamos com o nosso dinheiro para sermos bem tratados, e somos tratados como cães.—Ah! cães!!!

Por mais voltas, que dei, que nós todos demos ao miolo, nunca pudemos descobrir o *porque*, sendo os barcos da Companhia tão bem servidos no oceano e mediterraneo; o são tanto pelo contrario no mar vermelho e das Indias. Lá o sabe a Companhia; é quanto basta.—Mas como a necessidade é mestra de engenho, cada um de nós inventou logo seu methodo para burlar a Companhia, e satisfazer do modo possivel ás urgencias nocturnas.—Saiba pois a illustre e poderosa *Peninsular and Oriental Steam Navigation Company* do *Quis Separabit?* que os seus altos decretos sobre a suppressão das necessidades naturaes ficam em letra morta, e que taes necessidades são satisfeitas nas barbas de seus agentes e officiaes, quer ella queira, quer não queira —Cuidavamos nós, quando em Lisboa demos *cem* boas e verdadeiras *libras esterlinas* para sermos transportados a Bombaim, que tinhamos direito a todas as commodidades, que são possiveis a bordo, e nos foram promettidas. Faltar a ellas é faltar ás condições de um contracto; é uma verdadeira espoliação, e insigne má fé.

Mas deixemos este desagradavel assumpto, e continuemos a narrativa de nossa viagem.

10 DE OUTUBRO.—Até aqui navegamos entre as duas margens alcantiladas do golfo de Suez. Parecia ás vezes que aquelles montes de saibro vermelho cortados a pique desabavam sobre o navio. No fim da tarde deste dia perdemos de vista a terra. Haviamos entrado no mar vermelho propriamente dito.

Crescia o calor^o; e nesta noite, e nas seguintes grande parte dos homens e senhoras dormiram na tolda.

A viagem tornava-se monotonica, e enfadonha; mas como o tempo ia de bonança, dous meios havia de procurar distracção; ou ler, ou observar o que havia de mais notavel no pequeno mundo, em que viviamos. — Chamava primeiramente a attenção uma dama incognita e mysteriosa, entrada de novo em Suez. Teria os seus 24 ou 25 annos; baixa; rosto redondo e pallido salpicado de sardas; dentes alvos, mas raros; cabellos negros; olhos da mesma côr rasgados e bellos. Vinha sobre si sem outra companhia. Vestia cassas e sedas com o maior apuro. Só fallava inglez, mas vivia^a separada das outras damas.

Em compensação conversava mui familiarmente com os officiaes do navio, que parecia tinham orlem de se renderem de sentinella a seu lado. Reclinada voluptuosamente na poltrona do Capitão, que lhe era cedida apenas ella chegava, ficava alli todo o dia, immovel, conversando com o official, que a vinha entreter; e não largava da mão um livro (pequeno, para não pesar muito), sobre o qual lançava de quando em quando machinalmente os olhos. Era o typo da languidez oriental. Dirieis ser uma odalisca fugitiva do harem de algum pachá tyranno, disfarçada com toda a tafularia da moda europeia, e acolhida á protecção do pavilhão britannico. Estava a bella odalisca no seu estado interessante, já um pouco adiantado. Deixou-nos em Aden, sem podermos descobrir quem fosse, donde vinha, e que destino levava. A revelação deste mysterio não passou dos officiaes do navio, unicos iniciados nos segredos da enigmatica passageira.

A outra notavel figura era um inglez, verdadeiro inglez, alto e desarcado. Levava em sua companhia, e para seu martyrio duas damas moças, (talvez mulher e cunhada) altas e desarcadas como elle, cheias de vesiculas sarnosas, magras e resequidas, que pareciam duas mumias acabadas de descobrir em algum antigo tumulo do Egypto. Vinham estes avejões, para a tolda

logo pela manhã, e aqui começavam os trabalhos do pobre homem. Não lograva um só momento de descanso. O preparar-lhes o encosto para ellas; o acudir-lhes com agua, refrescos, e mantimentos, que sem cessar apeteçiam; o satisfazer a todas as suas exigencias finalmente, era um trabalho incessante desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã.—Não havia no navio *steward*, que levasse mais negra vida que este desgraçado; nem talvez se lhe pudessem comparar os mouros da tripulação. Soffria porem tudo isto com uma resignação e paciencia heroicas, que não podem deixar de lhe ser levadas em desconto de seus peccados.

14 DE OUTUBRO.—As sete horas da manhã passámos o estreito de Bab-el-Mandeb.—Como levava á mão o *Roteiro de D. João de Castro*, procurei a pag 34, e li a seguinte descripção, que dispensará a minha;—» Esta angustura, da gente vizinha... » é chamada *Albabo*, que na lingua arabia signi- » fica *portas*: e nesta parte e portas se avizinham » tanto as terras; e as amostras, que fazem de se » quererem, e desejarem ajuntar, são tam conhe- » cidas, que parece sem alguma duvida o mar, » muito contra suas vontades, e per força intervir » em apartar estas duas partes do mundo (Asia e » Africa). Por que o espaço, que nesta parte di- » vide a costa do Arabio, da costa do Abexi, será » caminho de 6 legoas: e neste meio jazem tantas » ilhas, ilheos, e penedos, que fazem suspeita, con- » siderando de fóra nesta angustura, de em algum » tempo ser tapada. E assi por estes estreitos, gor- » gomillos, e canaes, que se fazem entre umas » ilhas e outras, entra tanta somma de mar, e faz » lá de dentro tantas grandes enseadas, tantas ba- » hias, tantos nomes de golfãos, tantas diversida- » des de marés, tantos portos, tantas ilhas, que » não parece navegarmos por mar de entre terras » mas pelo mais alto, e tempestuoso pego do grande » oceano.—Felizmente para nós passámos com tão boa monção, que não havia no mar o mais pequeno

abalo. — Saindo do estreito entrámos no mar das Indias.

Era Domingo. Às dez horas da manhã tocou ao serviço divino. Na falta de *priest* (padre) serve entre os inglezes de capellão o cirurgião do navio. Foi este quem officiou. — Todos sabem que o serviço divino da Igreja Anglicana se reduz á leitura e explicação de algum capitulo da Biblia, e á recitação de algumas orações do livro de *common prayer*. Ha a bordo sufficientes exemplares de um e outro livro para uso de todos os fieis da communhão anglicana. Durou o serviço divino perto de uma hora no sallão ou camara grande do navio.

XII.

ADEN.

Neste mesmo dia ás sete horas da tarde, sendo já noite fechada, fundeámos em Aden. Della diz D. João de Castro no seu *Roteiro* (pag. 29) estar edificada nas baixas raizes de uma serra mais notavel, e conhecida de todas estas praias; e que de tres annos a esta parte (D. João de Castro escrevia em 1541) é vinda ao poder dos Turcos, por treição, que Soleimão Baxá, governador do Cairo, fez a el-rei della.

Em poder dos Turcos ficou até ha cousa de dez ou doze annos. Depois que os inglezes estabeleceram pelo mar vermelho carreiras regulares para a Europa, estes a compraram aos mesmos Turcos, e tem feito nella boas fortificações. Os arabes vizinhos todavia soffem com pouca resignação o dominio europeu naquellas paragens, e de quando em quando inquietam seriamente os inglezes.

A terra é pequena, e não passa de uma feitoria fortificada, construida n'uma serra negra e escarpada, e povoada de arabes muito ladrões e pouco de fiar. — Alguns passageiros foram ceiar e descansar a terra. Ha alli um hotel soffrivel. — O navio metteo carvão toda a noite, e pela manhã estava prestes para seguir viagem.

(47)

XIII.

DE ADEN A BOMBAIM.

15 DE OUTUBRO.—Com effeito ás sete horas da manhã largámos de Aden—Aqui recebemos uma grande colonia de gente indiana. Gentios (hindús) de varias castas, principalmente Bamanes e Gugires, que mercadejavam, ou como diziam nossos antigos, faziam veniaga; e Mouros, (musulmanos) que recolhiam da religiosa romaria de Meca. Toda esta gente ficou alojada no castello de prôa, comendo o arroz, farinha, alfeioa, e outros mantimentos que traziam no aiforge.—Os mouros serviam-nos de distracção pelas momices de suas orações, ás quaes não faltam por caso algum.

Fazendo agora a resenha geral da gente, que ia a bordo, achamos representantes de todas as seguintes nações e raças, a saber: Inglezes de Europa; ditos nascidos na India; Portuguezes; Hespanhóes (uma passageira); Italianos (uma passageira e um marinheiro); negros africanos (cafres; gentios indianos (hindús) das castas banianes, gugires, e talvez mais alguma; mouros (musulmanos) indianos; christãos indianos nativos; e chinezes.

E no que toca ás religiões havia christãos (catholicos e protestantes); musulmanos; e gentios de varias castas e cultos.—Se havia algum judeu, não se deu a conhecer.

16 DE OUTUBRO.—Á proporção que nos adiantavamos no mar das Indias, refrescava o tempo, que continuava favoravel.

17 DE OUTUBRO—Neste dia pela madrugada houve grande reboliço a bordo. Correo a postos toda a tripulação; sondou se o mar; diminuiu se o andamento, e a final fez-se parar a machina. Dahi a pouco amanheceo; as cousas tornaram ao estado normal; e a viagem continuou sem outra novidade.—Perguntados os peritos sobre a causa do *alarme* nocturno, discordaram as versões. Uns diziam que contra o que é costume nestas paragens,

apparecera de repente o mar côr de leite, e signaes de terra proxima; e rompendo a manhã se restituiu a côr da água ao natural, e o que parecia terra, se conheceo serem apenas algumas nuvens.— Outros diziam que as agulhas tinhão desnortheastado, e o rumo ia perdido.— Desta variedade de explicações ficámos entendendo que ninguem fallava verdade; fosse porém o que fosse, a cousa passou sem perigo, mas não sem susto.

Todavia o dia era aziago: havia por força de ser dia de catastrophe. E não succedeu pequena. Acabou-se a *soda-water*!! Havia lá quem antes queria que o navio fosse ao fundo, do que teê-se acabado este espumoso liquor, digno de figurar nas vidraças de uma *botica de remedios*. (Esta declaração é necessaria para os leitores indianos, que chamam *boticas* a todas as tendas.— *Quinhentismo* portuguez, que com outros muitos se tem aqui conservado.)

19 DE OUTUBRO.—Refrescou mais o tempo. Nublado de dia, e chuva de noute.— A colonia *infidel* do castello de prôa passou inclemencias, e teve de recolher se ao porão.

20 DE OUTUBRO.— Soprou norte rijo. De tarde chuva fortissima — Algum enjôo.

21 DE OUTUBRO.— Fresco, e nuvens sem chuva.

22 DE OUTUBRO.— Chuva. Redobrou a rijeza do vento.— Enjôo quasi geral.

Felizmente eramos chegados ao termo da viagem, porque no dia

23 DE OUTUBRO.— Ao meio dia lançámos ferro no porto de Bombaim.

XIV.

BOMBAIM.

23 DE OUTUBRO.—É este porto o mais frequentado, e um dos melhores de toda a costa occidental da India.—Foi cedido com a ilha do mesmo nome pelo nosso governo portuguez aos inglezes pelo tris-

te tratado de 23 de Junho de 1661, contra o qual tendo reclamado o Vice-Rei Antonio de Mello e Castro com tudo o que havia de notavel na India, não foi attendida pelo governo a reclamação, e se fez effectiva entrega da Ilha de Bombaim e de seu porto (samente) aos Inglezes a 17 de Fevereiro de 1665. (a)

Dis como um auctor inglez conta o caso (b).— Charles II, after his restoration in 1660, confirmed and extended the privileges of the Company. In 1662, he sent a fleet to take possession of the island of Bombay, which formed part of the dowry of the princess of Portugal whom he had married—but the Portuguese who knew the value of the island, which they, from its excellent harbour, used to call, BOM-BAHIA « good bay. » would not cede it. The English demanded the island of Salsette, as a dependency,—but this was positively refused. Sickness prevailed amongst the troops, who were compelled to take refuge at Anjediva. The commander of the English force offered to give over the king's rights to the head of the factory at Surat—but they declined. Mr. Cooke, on whom the command of the English force devolved, made any terms he could, and got possession of Bombay island. The convention made by Cooke was refused by Charles II, who sent out Sir Gervase Lucas to take the government of the island. In 1668 the island was ceded to the Company at an annual rent of ten pounds in gold. The government was removed from Surat to Bombay in 1686.—The Castle, a small fort, is the nominal seat of the Bombay Government—Bombay was looked upon at first as the graveyard of Europeans: but it is now one of the most healthful places on the coast of India. ==

(a). Esta é a data, que traz o Auto de posse, publicado pelo Conselheiro Manoel José Gomes Loureiro nas suas *Memorias dos Estabelecimentos Portuguezes a l'este do Cabo da Boa-Esperança*, Lisboa 1835, pag. 201.

(b) *Ancient and modern India* by W. Cooke Taylor. 2. edit. London. 1851, pag. 90.

Quer dizer=Carlos II depois de sua restauração em 1660 confirmou e extendeu os privilegios da Companhia. Em 1662 mandou uma esquadra a tomar posse da ilha de Bombaim, que formava parte do dote da Princeza de Portugal (D Catharina) com quem elle havia casado: mas os Portuguezes, que conheciam quanto valia a ilha, á qual elles por seu excellente porto chamavam BOM-BAHIA(!)(a), não quizeram cede-la. Os inglezes pediram a ilha de Salsette, como dependencia de Bombaim, mas isto foi positivamente recusado. Começaram a grassar molestias entre as tropas, que se viram constrangidas a refugiar-se em Angediva. O commandante da força ingleza offerceo ceder os direitos, que El-Rei de Inglaterra tinha no ponto principal da feitoria em Surrate, mas os Portuguezes não acceitaram Mr. Cooke, em quem recaio o commando da força ingleza, arranhou as cousas como poudo, e tomou posse da ilha de Bombaim. A convenção feita por Cooke foi rejeitada por Carlos II, que mandou Sir Gervasio Lucas a tomar o governo da ilha. Em 1668 foi esta cedida á Companhia pela renda annual de dez libras (pounds) em ouro. O governo foi transferido de Surrate para Bombaim em 1686. O castello, que é apenas um pequeno forte, é a sede nominal do governo de Bombaim. Esta ilha foi considerada a principio como cemiterio dos Europeus; mas agora é um dos mais saudaveis logares da costa da India =

Desembarcámos no cães de Apollo.—Não espera-

(a) E' curiosissima esta ethymologia, que os inglezes excogitaram ao nome de Bombaim. A concordancia de bom com bahia na lingua portugueza só a erudição ingleza era capaz de descobrir.— A terminação em im é commum nesta parte da India a uma infinidade de nomes geographicos; assim temos Baçaim, Pangim, Panelim, Dandim, Agaçaim, &c. &c.

Infelizmente para nós os Inglezes são mais fortes em influencia e poder do que em erudições ethymologicas; donde vem que apesar de lhes termos cedido pelo tratado pura e simplesmente o porto e ilha de Bombaim, se apossaram depois de Salsette e outras ilhas adjacentes; de Baçaim, Chaul, e de outras praças e territorios do norte, onde apenas possuímos Damão e Diu, que elles forcejam por nos usurpar.

(51)

vamos em Bombaim um cáes de Apollo, nem em Goa uma ponte de Minerva.—No cáes de Apollo vê o viajante europeu pela primeira vez os palanquins tão fallados. Os palanquins de Bombaim são pequenas tendas onde cabe uma pessoa commodamente reelinada, e são conduzidos aos hombros de quatro homens mais de semi-nús, todos quatro em uma só linha, dons adiante e dons atraz. Estes palanquins são pouco usados em Goa, onde os ha de diversos feitios, e são conduzidos á cabeça. Em Bombaim apar dos palanquins acham se logo no cáes carruagens de todos os tamanhos e feitios.—Os hoteis dentro da cidade são soffríveis, e dizem-me que ha um excellente fora della; mas mais caro. Os da cidade levam quatro rupias (2000 réis pouco mais ou menos) por cabeça cada dia.

A população de Bombaim é diversa da de todas as cidades por onde havíamos transitado, e segundo tenho lido, da de todas as cidades do mundo. Nada do que até alli viramos se pode comparar com a novidade e inesperado dos vestuarios e adornos dos gentios indianos. As mitras dos Parses, as barretinas dos Gugires, as rodellas dos Parbús, as trunfas dos Banianes, as toucas dos Bramenes, e outras differentes coberturas da cabeça, distinctivo principal de cada casta; o modo artificioso com que homens e mulheres se vestem de pannos em peça sem feitio algum; a profusão principalmente nas mulheres de argollas, anneis e manilhas nas mãos, nos pulsos; nos braços, nos artelhos, nos dedos dos pés, nas orelhas, e no nariz; as pinturas no rosto e no corpo; as nuvens de gralhas e de pombos, que cobrem os ares e os telhados; e outras cousas, que requeriam mais longa escriptura para serem por extenso referidas, trazem por algum tempo attonito o viajante, que pela primeira vez visita esta cidade.

No dia seguinte ao da nossa chegada mais attonitos ficámos ainda quando lemos no *Bombay Telegraph and Courier* = (24 de Outubro) os nomes portuguezes metamorphoseados desta forma:

Genl. *Vasconceller* (quer dizer *Vasconcellos*).—Mr. *B. de Franco* (quer dizer *da França*).—Major *Berts* (quer dizer *Brito*).—Major *Canha* (quer dizer *Cunha*).—Major *Longn* (quer dizer *Sousa*).

Escaparam por fortuna sem ser estropeados os nomes de *Mr. D. J. de Mello*, e *Mr. and Mrs. Rivara*.

A Cidade de Bombaim divide se em praça, e arrabaldes; e contem ao todo mais de 500 mil habitantes. Dentro da praça o mais notavel é o grande bazar construido pelo typo dos do Egypto, mas mais aceado, sem se poder todavia dizer de todo limpo. As casas são tambem edificadas sobre balcões de madeira ricamente entalhada. Fora da Praça ha o grande campal ou esplanada, onde de poucos annos a esta parte se tem aberto um grande numero de poços para supprir á falta de agua que naquelle grande povoação se exprimenta na estação do estio. Apezar disso ainda a falta de agua é tão sensivel que se importa em barcas das ilhas vizinhas; e o governo geral da India Britannica acaba de promulgar (em 11 de Março de 1856) um Decreto auctorizando o governo de Bombaim a lançar mão de todos os poços e tanques particulares, se tanto for necessario, para uso publico: decreto que levantou logo grandes clamores, como attentatorio contra a propriedade e mais proprio para ser resolvido por um governo communista, ou por um revolucionario (*Comité de Salut Public*), do que por um governo regular. (a)

Deixemos porem a cada um governar sua casa como entender, e prosigamos a narração do que nos toca na qualidade de viajantes.

Apenas fundeámos no porto de Bombaim (23 de Outubro), foi o nosso Governador logo cumprimentado a bordo pelo Coronel, que serve de Major da Praça, da parte de Lord Elphinstone, Governador de Bombaim; e bem assim por muitos dos principaes Portuguezes aqui residentes.—Era verdadeira a no-

(a) *The Bombay Government Gazette Extraordinary*, de 20 de Março de 1856, e *The Bombay Gazette* de 24 de Março.

(53)

ticia dada pelos jornaes de estar reservado para o recebimento do Governador Portuguez o palacio de Parell, uma das residencias do Governador Inglez.

O nosso Governador preferira descançar em um hotel dos incommodos da viagem, e seguir logo para Goa. Mas levado de outras considerações, e entendendo que os obsequios não eram tanto dirigidos á sua pessoa, como ao governo e nação portugueza; movido das instancias de Portuguezes e de Inglezes, que lhe certificavam que a acceitação das offeras do Governo inglez seria agradavel aos individuos dessa nação, e muito proveitosa aos portuguezes pelas relações de amigavel deferencia, em que por isso ficava o governo da Companhia Ingleza com o nosso governo da India; resignou-se a acceitar a hospedagem, que se lhe offercia. Desembarcou com as honras devidas a sua graduacão, (a) e foi em direitura para o mencionado palacio de Parell, distante cinco milhas da cidade.—Foi este palacio convento de Frades portuguezes, e apropriado modernamente á residencia do Governador inglez. O Governador portuguez foi alli recebido e tratado como se fosse o proprio Governador inglez.

Lord Elphinstone estava naquella hora de partida para as montanhas; mas veio logo a Parell, assim mesmo em habito de viagem, cumprimentar o nosso Governador.—Seguiram se as principaes personagens do governo inglez na ordem civil e militar; muitos individuos notaveis, e entre estes os mais poderosos gentios.

No dia 27 de Outubro acceitou o Governador o jantar de Mr. Arthur Mallen, primeiro Conselheiro do Governo da Presidencia, em cuja casa estavam os mais elevados funcionarios do governo inglez, e onde o nosso Governador foi tratado com summa distincção.

(a) = *His Excellency General Vas Conceller (Vaconcellos), Governor General of the Portuguese settlements in India, who arrived by the mail, landed yesterday under the salute due to his rank.* =
The Bombay Telegraph and Courier, 24 de Outubro.

No dia 30 acceitou igual convite do Almirante Leeke.—A amabilidade do Almirante, de sua mulher e filha, não pode ser excedida. Haviam convidado para o serão grande numero de cavalheiros e damas. Viam-se alli muitos officiaes de terra e mar, entrando neste numero um official de High-landers com seu pitoresco uniforme; altos funcionarios da ordem civil, e alguns dos principaes gentios (parses e parbús).—Este serão desmentio completamente a idea, que tinhamos feito da sociedade ingleza durante a navegação. A austeridade britannica havia sido substituida pela cordialidade franceza; ao dialogo monosyllabico havia succedido a conversação seguida, espirituosa, e animada; aos cantos funebres de bordo as musicas suaves dos melhores *maestros* italianos executadas por homens e senhoras com o apurado gosto dos mais polidos sallões da Europa.—O nosso Governador sahio desta casa summamente penhorado do obsequioso e lisongeiro agasalho, que alli recebeo: e aos da sua comitiva, a quem coube a honra de acompanha-lo, não esquecerão facilmente os agradaveis momentos, que gozaram no meio daquella companhia composta de europeus e asiaticos os mais cultos e polidos.

O clero do padroado portuguez e os portuguezes de Bombaim correram presurosos a Parell a tributar seus respeitos ao Governador Geral da India Portugueza.—Calculam-se em 10% os portuguezes residentes temporaria ou permanentemente só na Ilha de Bombaim; e em 50% os que ha em toda a Presidencia.

No meio do nosso abatimento como nação, principalmente na India, é espectaculo consolador ver como se conserva vivo no coração de toda esta gente o espirito da nacionalidade portugueza. A maior parte destas familias, que tanto se presam do nome portuguez, tem residencia fixa em Bombaim, seus membros são cidadãos inglezes, empregados até do governo inglez; e com tudo portuguezes se chamam, portuguezes são de coração, portuguez fallam, por-

tuguez escrevem ; chamam seu Rei, a El Rei de Portugal, cujo retrato, e o da Rainha D. Maria 2.^a se vê em todas as suas casas, acompanhados dos dos homens mais notaveis de Portugal na epocha presente.— Nós lá na Europa não fazemos idea do que vale ainda aqui o nome portuguez. É necessario vir á India, e especialmente á India ingleza, para criar certo orgulho de ter nascido portuguez. Parece que o dominio britannico, que aliás tem introduzido na India todas as vantagens da mais culta civilisação da Europa, parece digo que o dominio britannico tem feito radicar no coração destes homens a affeição e amor por esse Portugal, que nada lhes dá, nem pode dar, e donde nada tem a esperar.— Em Bombaim ha sempre um ou mais jornaes escriptos em portuguez ; ha associações e institutos para a educação dos portuguezes, sendo um dos primeiros cuidados destes institutos o ensino da lingua portugueza. Em Bombaim se imprimem ou reinprimem quantidade de livros portuguezes ; e quem fallar esta lingua pode estar certo de achar quem o entenda em todas as ruas desta populosa cidade.

O padroado portuguez é defendido não só pelo clero enviado de Goa, mas por toda a Classe portugueza com um zelo e denodo, que bastava aos nossos Ministros de Estado possuirem a millesima parte d'elle para estar de ha muito acabada a triste contenda com a *Propaganda*, e expellida da Asia a ninhada de Abutres Romanos, que a titulo de conversão pervertem, sob pretexto de zelo religioso perseguem os catholicos ; e por suas torpes acções deslustram a Igreja á face de tantos inimigos della.

Esperava-se em Bombaim que o novo Governador fosse portador da *Concordata*, ha tanto tempo annunciada entre Portugal e a Corte de Roma sobre estes negocios do padroado do oriente. Infelizmente não foi assim ; mas ao menos as novas, que o Governador dava, eram satisfactorias, e enchiam de alegria os Catholicos portuguezes, e de susto os jesuitas da *Propaganda*. O Vigario Geral, Superior da Mis-

são portugueza, com o seu clero convidou ao Governador para no Domingo 29 de Outubro assistir á missa na nossa Matriz ou Cathedral de Mazagão, suburbios de Bombaim.—Convinha para desmentir os perpetuos enredos da *Propaganda* dar uma publica demonstração de que Portugal não estava supplantado pela Curia Romana; e por isso o Governador determinou assistir com toda a sua comitiva em grande estado á missa na Cathedral.—Logo que isto constou, tocou-se a rebate nos arraiaes jesuiticos. O Vigario Apostolico, Dr. Hartmann, que com o seu estado maior já havia cumprimentado o nosso Governador em Parell, pediu nova conferencia para dous dos seus padres. O verdadeiro fim desta conferencia era dissuadir o Governador da sua resolução de visitar a Cathedral Portugueza; mas achando-o inabalavel neste ponto não descobriram todo o seu jogo, e como bons jesuitas retiraram, preferindo não veneer a terem de se confessar vencidos.

Chegado o dia aprazado coneeorreo á Cathedral de Mazagão toda a Classe portugueza de Bombaim, ficando a igreja cheia de catholicos, que vieram tributar homenagem a El Rei de Portugal na pessoa de seu Logar tenente na India.—Este foi recebido á porta da Igreja debaixo do palho, e tratado dentro della com todas as honras devidas ao eminente cargo. de que se achava incumbido.

Concluida a missa o Rd.º Vigario Geral, snbio ao pulpito, e recitou um discurso analogo ás circunstancias. Confesso que senti uma commoção difficil de descrever ouvindo tão longe de Portugal, e em terra estrangeira receitar um discurso em portuguez, e victoriar El-Rei de Portugal e a seu representante no Estado da India. E este discurso era entendido por toda a assemblea!—Ao sair da Igreja foi o Governador com as pessoas do seu sequito, e grande numero dos catholicos presentes á residencia parochial, onde o Rd.º Vigario Geral tinha preparado um delicado *lunch*, e se renovaram os protestos de amor e adhesão ao Monarcha Portuguez.

Cobram assim todos os circumstantes novos brios e alento para sustentar os direitos imperscriptiveis da Coroa portugueza ao padroado ecclesiastico do Oriente, e continuar a lucta incessante, a que os esforços usurpadores da *Propaganda* obrigam nestas regiões nossos compatriotas e correligionarios; até que a *Concordata* com a Corte de Roma, cuja conclusão se espera com brevidade, ponha termo a este estado anormal, e restitua, como confiamos, a Portugal esta joia de sua Coroa Real, que á força de astucia e de falsas allegações se lhe pretende arrancar.

O Governador despedindo-se desta nobre porção de Portuguezes indianos, e agradecendo tantas fadigas e trabalhos supportados na defesa dos direitos do Soberano Portuguez, tanta dedicação e amor pela honra e dignidade da mãe patria, dirigio-se a casa da familia Faria, portugueza de nome e coração, tão conhecida e tão obsequiadora de quantos portuguezes passam a Bombaim. Desta familia recebeu o Governador, e receberam todos os da sua comitiva a mais affectuosa hospitalidade, a que cada um de nós corresponderá sempre com gratas recordações, e com o sincero desejo de poder achar occasiões, em que possa retribuir uma pequena parte dos obsequios recebidos, já que não será possivel satisfazer por inteiro a todos quantos recebemos, e de que ficámos devedores a cada individuo da mesma familia.

Não menos agradecidos ficámos ao nosso Agente portuguez o Sr. Braz Fernandes, e a sua familia, em cuja casa jantámos no dia 27, onde nada faltou para ser obsequiado como convinha o Governador Geral da India Portugueza, e tornar apraziveis a todos as horas alli passadas.

Dos estabelecimentos publicos de Bombaim são dignos de especial menção os seguintes: Casa da Moeda, Arsenal, Bibliotheca e Museu da Sociedade Asiatica, Instituto Elphinstone, Collegio Medico e seu hospital annexo.

Da *Casa da moeda* basta dizer que cunha rupias para toda a Presidencia, e está montada com o ma-

quinismo mais perfeito da arte moderna. Alli vimos cunhar em moeda barras de prata, que da Europa nos tinham acompanhado no mesmo navio, em grande qualidade de caixotes. É curioso ver como pela mão de centenaes de homens e rapazes nós passamos todos os dias muitos milhões! Não ha porem aquio perigo de os levarem na *algibeira*.

O *Arsenal* tem armamentos e petrechos promptos para trinta mil homens em campanha, e para qualquer operação da guerra.

Bibliotheca e Museu da Sociedade Asiatica — Esta Sociedade instituida em 1804 debaixo do nome de = Sociedade Litteraria de Bombaim = foi depois incorporada na = Real Sociedade Asiatica da Gran Bretanha e Irlanda = tomando o nome de = Ramo da Real Sociedade Asiatica, em Bombaim = Possui a melhor Bibliotheca de toda a India. No Catalogo impresso em 1845 apenas achei mencionadas duas obras portuguezas, as de Camões, e João de Barros. — O Museu é curioso não somente em objectos da natureza, mas ainda nos da arte.

Instituto Elphinstone. — Assim chamado em honra do distincto patrono da educação dos nativos em Bombaim, Mounstuart Elphinstone, Governador desta Presidencia, e tio do actual Governador, é em parte custeado pelo governo, e em parte pela munificencia particular. Tem por fim o estudo da lingua ingleza, as artes, sciencias, e litteratura da Europa. — A principio as escholas vernaculas de Bombaim estavam aqui incorporadas; mas hoje formam corpo separado. — É uma pequena universidade appropriada ás circumstancias do paiz, e da sociedade, e na qual se vem alumnos e professores de todas as castas e de todas as religiões.

Collegio Medico de Grant e Hospital annexo. O Collegio ou eschola medica foi fundado em honra de Sir Robert Grant, Governador da Presidencia. O edificio está situado nos arrabaldes, e é um dos mais lindos da cidade. Foi construido em parte por subscrição, e em parte á custa do governo. Abriu-se em 1845.

Á Eschola annexou depois Sir Jamssetjee Jeejeebhoy um grandioso hospital com enfermarias separadas para cada casta de nativos, separação indispensavel aos usos e opiniões religiosas dos gentios da Asia. E não satisfeito ainda com o hospital geral concorreo com a maior parte da despeza para em edificio separado, mas dependente do hospital, se erigir uma enfermaria de partos em 1850.

Sir Jamssetjee Jeejeebhoy.—Não se vê obra publica nem instituição util em Bombaim, a que não esteja associado o nome deste verdadeiro Nababo do oriente, a quem Inglaterra concedeo a honra não vulgar do titulo de *Sir*. É gentio da casta Parse; e todos affirmam ser possuidor de muitos milhões de libras esterlinas, e calculam o seu rendimento annual em 480 contos de réis. Vive como princepe, como princepe é respeitado; e de princepe são suas bizarrarias.— Alem do Hospital e enfermaria acima mencionados, e que de seu nome se chamam, vimos outra obra sua mui custosa, e a que elle quiz se desse o nome de sua mulher Lady Jamssetjee. É a ponte, que liga o suburbio de Mahim á ilha de Salcete por Bandorá; obra que ainda não estava de todo aperfeiçoada, e que tem mais de um kilometro de extensão.

A occasião, que houve para o opulento Parse emprehender a construcção desta obra, foi segundo nos referiram pessoas respeitaveis e bem informadas, a seguinte.— Lady Jamssetjee passava pela amargura de ver morrer seus filhos antes da idade de sete annos.— Ora os gentios, e principalmente os Parses tem grande devoção com a Senhora do Monte de Bandorá, e acodem em grande numero a sua capella com grossas offerendas, e orações a seu modo.— Com a Senhora do Monte *se pegou* a nobre gentia, e alcançou que um filho, que muito amava, passasse incolume da idade fatal. Daqui veio a obra grandiosa, que offerece facilidade para passarem a pé enchuto de Mahim a Bandorá todos os devotos da Senhora do Monte.

Causará por certo estranheza ao leitor europeu a devoção dos gentios com os Santos Christãos; mas é um facto trivial e notorio em toda a India. Tem elles principalmente muita devoção com Nossa Senhora debaixo das varias invocações, com que a nós veneramos; e persuadidos de que ella fora irmã de uma das suas divindades, que por nome não perca, é por este titulo que a veneram e lhe dirigem seus cultos.—Os gentios, e ainda os mouros tem tambem devoção com o Senhor dos Passos. No dia da sua procissão em Goa, que costuma ser de noute, illuminam as casas, varrem e alcatifam de flores a rua, lançam grinaldas sobre a imagem, e passam por baixo do andor, para attrahirem sobre si a benção divina.

Mas tornando á familia Jamsetjee, diremos que se não contenta com levantar hospitaes, contruir pontes, fundar instituições de credito, crear escolas, e despender seus thesouros em toda a casta de melhoramentos materiaes; tem mais altas aspirações; dicta e ensina a seus patricios e correligionarios os mais sublimes dogmas da vida moral.—Eis o notavel annuncio ou convite, que acabamos de ler na *Gazetta de Bombaim* de 27 de Março de 1856. = Somos requeridos para annunciar, e nisso temos grande prazer, que Mr. Sorabjee Jamsetjee, terceiro filho do veneravel Sir Jamsetjee Jeejeebhoy, fará esta tarde uma prelecção, julgamos que em lingua guzarate, na Salla municipal, sobre a vida, deveres, e responsabilidade humana.—Este assumpto, que sem duvida será julgado altamente interessante e instructivo, é especialmente destinado para os mancebos; e tem connexão com o Instituto Philosophico dos Pareses de Sir Jamsetjee Jeejeebhoy.—A salla estará aberta a todos os concorrentes =

E na mesma *Gazetta* de 29 de Março lê-se o seguinte = Á prelecção feita por Mr. Sorabjee Jamsetjee sobre a vida, deveres, e responsabilidade humana, na 5.ª feira á tarde assistio uma grande e influente parte da communitade Parse, em quem o dis-

curso fez profunda impressão. Muitos mancebos dirigiram altos elogios ao author de prelecção. Daremos delles um breve esboço, assim como publicaremos nesta folha um relatorio da mesma prelecção. = Dahi a poucos dias apparecia no mesmo Jornal (18 de Abril) o annuncio de um novo e bonito livrinho em lingua guzarate intitulado = *Jowhur é-Sindeli-gâni*, ou Prelecção feita perante o Instituto Philosophico de Sir Jamsetjee Jeejeebhoy na salla do Concelho nos Paços da Cidade, quinta feira á tarde 27 de Março de 1856, por Sorabjee Jamsetjee Jeejeebhoy, Auctor do *Tohfa-i—Jamshed Tuqviuti-din-i-Mazde-asna e Rahe Parsa*. Publicada á custa de Sir Jamsetjee Jeejeebhoy, K. P.—Bombay 1856. =

Deixemos porem lá os Parses com as suas philosophias; e vamos continuando nossa viagem.

XV.

ILHA DO ELEFANTE.

30 DE OUTUBRO.—Na linda escuna do Almirante Leeke, governada por elle em pessoa, fomos á ilha do Elefante na tarde de 30 de Outubro. Levavamos alli o desejo de ver o muito notavel e espantoso Pagode do Elefante, como lhe chama Diogo do Couto. E porque ninguem nos tempos antigos o descreveo melhor do que este illustre continuador de João de Barros, permitta-me o amigo leitor, que eu me sirva das proprias palavras daquelle auctor (a).

= Este notavel e sobre todos espantoso Pagode do Elefante está em uma ilheta pequena, que terá menos de meia legoa em roda, que faz o rio de Bombaim já quando quer sair ao mar da parte do sul. Chama-se assim por um elefante de pedra grande, que se vê entrando pelo rio dentro. Dizem que foi mandado fazer por um Rei gentio, chamado Banasur, que senhoreava tudo o que havia do Gange pera dentro. Neste Pagode se affirma (e assim o mostra)

(a) Decada VII, Livro III, Cap. XI.

que se despenderam mui grandes thesouros, e que andaram na fabrica delle muitos milhares de obreiros, e que gastaram muitos annos. O sitio deste Pagode se estende de norte a sul, é quasi aberto por todas as partes, principalmente da parte do norte, nascente, e ponente, por que as costas deste grande templo ficam pera o sul. Será o corpo delle de oitenta passos de comprimento, e de sessenta de largura. É todo talhado em viva rocha; e todo o tecto de cima, que é o cumê da rocha, se sustenta sobre cincoenta columnas lavradas do mesmo monte, que estam por tal ordem e compasso, que fazem o corpo deste templo de sete naves. E cada uma destas columnas até o meio é quadrada de vinte e dous palmos de quadro, e do meio pera cima são roliças, e de dezoito palmos em roda. A pedra deste monte, em que se entalhou este Pagode, tem a côr parda; mas todo o corpo de dentro, columnas, vultos de pagodes, e tudo o mais era antigamente coberto de uma fina tea de cal com certo betume, e confeições que fazia o Pagode de todo tão claro, que era cousa formosa e muito pera ver; e não só fazia as figuras muitos formosas, mas fazia divisar mui distinctamente as perfeições dos vultos e subtilezas da obra: de maneira que nem em prata nem em cera se podia fazer, nem esculpir com mais primor, nem com mais lindeza e perfeição.

Entrando por este Pagode á mão direita delle está uma Capella, cuja porta é de dezeseis palmos e meio de largura, e quinze e meio de alto; dentro no corpo della estam muitos idolos, e no meio da Capella se vê um de altura de dezeseite palmos, com uma grande e formosa tiara na cabeça, lavrada de tantas laçarias, labores, e subtilezas, que mais parecem debuxadas, que entalhadas em pedra com escopro. Tem esta figura oito braços, e só duas pernas. Em uma das mãos direitas tem um sceptro alevantado, e nelle enroscada uma cobra de capello assim como pintam o de Mercurio; sobre a ponta do sceptro estam tres idolos pequenos de covado cada

um ; e em uma das mãos esquerdas, que tem alevantadas, sustenta com os dedos tres idolos do tamanho dos outros. Ao lado esquerdo deste idolo grande está outro com um cutello na mão, e acima deste outro muito grande com o corpo de homem, e a cabeça de elefante, de quem eu cuido que a ilha tomou o nome (a). Neste veneram a memoria de um elefante a que os gentios chamam *Gaves* (b), de quem contam muitas fabulas. A par deste idolo sahe da rocha um assento de pedra, em que está assentado um idolo de um só

(a) O bom Diogo do Couto esqueceu-se do outro Elefante grande de pedra, de que fallou no principio do Capitulo.

(b) E'sem duvida erro d'imprensa. Deve ser *Ganes* ou *Ganéz*: — A respeito desta divindade lê-se na = *Explicação das principaes figuras da Mythologia dos Bramanes da Ásia, principalmente dos de Goa*; = impressa em Pangim em 1841, o seguinte :

= *Ganez*. — Mahés, (o Deos destruidor, e a 3.^a pessoa da Trindade Bramanica) teve quatro filhos: o primeiro delles *Ganez*, que preside nos casamentos, e em todos as mais funcções. Fazem um grande festejo ao seu idolo no mez de Setembro, e o lançam ultimamente nos rios e lagos, fabricando para este fim um novo idolo de barro negro, pintado exteriormente de vermelhão. Dizem que *Ganez* é filho adoptivo de Mahés, sendo na verdade de Visn (2.^a pessoa da Trindade) que lhe fez d'elle entrega. Representa-se com a cabeça de elefante, por lhe terem cortado a sua propria, que desapareceu em uma certa aventura, e lha suppriram com a que traz: tem uma barriga muito grande. Está sentado em um rato, e é cingido de uma serpente. A sua figura é de pedra preta, ou de lodo preto, pintado de vermelho. As pernas encruzadas; nos dois braços levantados traz em um uma machadinha, no outro um tridente, com o terceiro pega na tromba; e com o quarto mostra um dente, que arrancou.

Chama-se tambem *Nah-Ganapoti*, *Vitnaeq*, *Eco-danto*, que quer dizer de um dente. *Quनावari* e *Polear* na costa de Coromandel, e no Malabar. O rato foi um gigante, a quem os Deoses concederam o privilegio da immortalidade, e outros poderes, de que abusava contra os homens. *Ganez* movido das deprecações dos seus devotos, arrancou um dos seus dentes, e o lançou ao gigante, que o engulio, transformando-se para logo em um rato tão grande como uma montanha, veio atacar a *Ganez*, o qual saltou nas costas, e sentando-se nelle lhe disse: Em todo o tempo tu serás a minha cavalgadura.

Os gentios o tem em grande veneração: expõem as suas figuras nos caminhos publicos, e o reputam com um guloso insaciavel. =

Vide tambem o = *Gabinete Litterario das Fontainhas*. Tom 1.^o pag. 134. Nova-Goa 1846. =

corpo com tres cabeças, e em cada uma dellas tem um só braço, salvo a do meio, que tem dous, e na esquerda tem um livro. E ao lado esquerdo deste idolo está uma figura de mulher de tres palmos arimada com o braço esquerdo sobre o hombro de outro idolo mais pequeno tambem de figura de mulher, e com a mão direita travado de outro mais pequeno. Logo a cima deste idolo está outro cavalgado sobre a cabeça de um elefante, e a par deste outro cavalgado sobre o pescoço de outro idolo.

Desta capella a cinco passos para a parte do meio dia vai este Pagode alargando para o ponente onze passos, e no fim delles torna a proseguir para o sul outros onze passos; e daqui voltando outra vez para o ponente onze passos á mão direita, está uma capella aberta na rocha, cuja porta tem vinte e seis palmos de alto, e de vão ao comprimento sete pés e meio, e de largura dezeseis. No meio desta capella está assentado um idolo, que da cinta para cima tem doze palmos, e sobre a cabeça tem outra tiara lavrada com muitas perfeições e lindezas. Tem oito braços e duas pernas; com uma das mãos direitas, e com outra das esquerdas estende por cima da cabeça um manto, ou sobreceu da mesma pedra muito subtil, e fica estendido por cima delle no ar um esparavel, e sobre este esparavel estam muitos idolos de covado, machos, e femeas. Na segunda mão direita tem uma grande espada de dous gumes, e na terceira um idolo pequeno pendurado pelos pés. A quarta mão direita com a parte do braço está quebrada pela travessura dos soldados que alli vão das armadas, como o está quasi tudo. Na segunda mão esquerda tem um chocalho, e a tiracclo um collar muito grande de muitas cabecinhas humanas enfiadas umas com outras, e todas cortadas na mesma pedra, e lavradas ao buril no mesmo pescoço. E na terceira mão tem uma caldeira, e sobre ella um idolosinho. A quarta mão esquerda com o braço está toda quebrada. D'nm lado e do outro deste idolo, e por toda a capella em roda es-

tam trinta idolos pequenos em pé. Desta capella a nove passos á mão esquerda, que é pera a parte do sul, está uma casa quadrada de dez passos em cumprimento, e outros tantos de largo, toda aberta na rocha, de tal feição, que toda se anda á roda, e tem quatro portas, uma em cada lanço do quadro, e entra-se nesta casa por cada uma destas portas, subindo por cinco degrãos, e no meio da capella está um poial quadrado de vinte e quatro palmos de quadro: sobre elle está alevantada uma figura de um idolo, que por deshonesto se deixa de nomear, a que os gentios chamam Linga, e adoram aquillo com grande superstições; e assim a estimam tanto, que os gentios Canarás as trazem com afiguradas ao pescoço. Este torpe costume tirou um rei Canará, homem de razão e justiça.

E tornando ás quatro portas desta casa, cujas corceiras ainda hoje apparecem, não se abriam pera mór veneração, senão uma vez no anno no dia da sua mór festa. Á entrada de cada uma dellas estão dous grandes gigantes de vinte e quatro palmos de alto, feitos com muito primor e perfeição. Desta casa a dez passos, proseguindo pera o meio dia, está outra capella com um formoso portal de obra mosaica de vinte e quatro pés de largo, e vinte e seis de alto; no meio della está um idolo de dezeseis palmos de alto, com quatro braços e duas pernas, travado pela mão com outro idolo de figura de mulher. Á mão esquerda deste idolo está assentado outro de igual grandeza e feitio e abaixo outro pequeno com tres cabeças, quatro braços, e duas pernas; e por toda esta capella em roda outros muitos idolos. Desta capella ao ponente está uma cisterna de agua excellentissima, a que nunca se acha fundo, de que vulgarmente corre esta fama, e assim fica sendo semelhante ao que se conta das fontes de Alfeo e Arcthusa.

Aqui acabou o lanço occidental, que é o da mão direita do corpo deste Pagode: voltando daqui pera

o ponente (a), vem dar em uma capella muito curiosamente lavrada de quatorze pés de largo, e dezoito de comprido; no meio della está um idolo agigantado com pernas crusadas com uma tiara na cabeça lavrada subtilissimamente, e de ambas as partes tem muitos pagodes de homens e mulheres, e alguns a cavallo. Daqui vai o Pagode alargando pera o nascente, onde está outra capella como as mais, e de baixo della sahe um idolo da cinta pera cima agigantado com cinco rostos proporcionados ao corpo, com suas tiaras nas cabeças, e com doze braços; e com as mãos sustenta um assento de pedra, sobre quem está outro idolo gigante de um só rosto com seis braços e duas pernas, e uma das mãos direitas tem sobre o pescoço de uma mulher tambem agigantada, que está assentada junto a elle; e a cada lado deste idolo tem outros quasi do seu tamanho assentados no mesmo assento; e pelo mais corpo desta capella ha outros cem idolos de homens e mulheres. Caminhando daqui ao meio dia dão em outra capella, em cujo meio está assentado outro gigante com sua tiara na cabeça, com quatro braços e duas pernas, e a cada ilharga tem um idolo tambem agigantado, um de figura de mulher, e outro de homem; e ao lado da mulher está outro idolo gigante, afóra outros muitos idolos, que ha por toda a capella.

Aqui se acaba o lanço oriental da mão esquerda deste Pagode. No fim destes dous lanços oriental e occidental estam tres grandes capellas; e a do meio que é mais interior, tem trinta pés de largo, e dezeseis de comprido. Do pavimento desta capella se alevanta um corpo da cinta pera cima de tão disforme grandeza, que só elle enche o vão e largura da Capella: tem tres muito grandes rostos; o do meio olha pera o norte, o segundo pera o ponente, e outro pera o nascente: cada um destes rostos tem dous braços, e ao pescoço dous grandes collares lavrados com admiravel subtileza. Sobre estas tres

(a) *Aliàs para o nascente*, como muito bem adverte Lopes de Lima.

(67)

cabeças tem tres formosissimas tiaras; e este rosto do meio, que é o maior, tem na mão um grande globo, e o que quer que tenha na direita não se enxerga por estar desfeito. O rosto da parte direita tem na mão direita uma grande cobra de capello, e na esquerda uma rosa, a que chamam Golfo, que nasce nas alagoas grandes. Á entrada da porta desta Capella estam dous gigantes a pé de cada lado e encostados cada um em seu idolo de dez palmos de alto. A segunda capella, que está ao lado direito tem dezanove pés de largo, e onze de comprido, e trinta de alto; no meio della está um idolo agigantado de quatro braços e duas pernas, como todas as mais, com uma formosa tiara na cabeça, e sobre ella está outro idolo mulher de vinte palmos de altura; e por toda a Capella de uma e de outra parte estam outros muitos pagodes pequenos. Ao lado direito desta Capella está uma porta de sete palmos de alto e cinco e meio de largo, por onde se entra em uma camara quadrada escura de dez palmos de largo, e outros tantos de comprido, em que não ha cousa alguma. Voltando ao lado desta Capella do meio, está a terceira, que tem vinte e tres pés de cumprimento, e trinta de largo; e no meio della está outro idolo de vinte e dous palmos de alto, de quatro braços, e está sobre um só pé, e a cabeça com uma formosa tiara, reclinado sobre a de um touro. Este idolo tinham os antigos por meio homem e meia mulher porque tem uma só teta á maneira das antigas Amasonas, e tem em uma das mãos uma cobra de capello, e na outra um espelho, e ao redor mais de cincoenta idolos. Ao lado esquerdo desta Capella está uma porta de seis palmos de alto, e cinco de largo, por onde se entra em uma camara quasi quadrada e muito escura, onde não ha que ver: com esta se acaba a fabrica deste grande Pagode, que está desfeita em muitas partes; e isso que deixaram os soldados, tão mal tratado, que é magoa ver assim destruida uma das cousas admiraveis do mundo. Agora faz cincoenta annos que fui ver este es-

tranho Pagode ; e como não entrei nelle com a curiosidade com que hoje o podia fazer , não notei muitas cousas , que se acabaram já ; mas lembra-me todavia que achei uma capella , que hoje se não vê , aberta pela fronteira toda , que teria mais de quarenta pés de comprimento , e ao longo da rocha se fazia um taboleiro do comprimento da casa á maneira dos nossos altares , assim de largura como de altura , e neste taboleiro havia muitas cousas notaveis pera ver. E entre ellas me lembra que notei a historia da Rainha Pacifae com o touro , e o Anjo com uma espada nua lançar fora de debaixo de uma arvore duas figuras mui formosas de homem e de mulher , que estavam nuas , como no-lo pinta a Sagrada Escripura em nossos primeiros paes Adão e Eva.

Quando logo os Portuguezes tomaram estas terras de Baçaim , e de sua jurdição , que foram ver este Pagode , lhe tiraram uma formosa pedra , que estava sobre a porta , que tinha um letreiro de letras mui bem abertas e talhadas , e foi mandada a El-Rei , depois do Governador da India , que então era , a mandar ver por todos os gentios e mouros deste oriente , que já não conheceram aquelles caracteres ; e El-Rei D. João o III trabalhou muito por saber o que estas letras diziam ; mas não se achou quem as lesse , e assim ficou a pedra por ahi , e hoje não ha já memoria della. (a)

Na lombada da serra , em que está este Pagode do Elefante pera o nascente a dous tiros de pedra , está outro Pagode aberto por diante , e o tecto de

(a) O mesmo Couto no Cap. X. deste Livro , descrevendo outros monumentos da antiguidade gentilica da ilha de Salcete , contigua á de Bombaim , conjectura que o letreiro deste Pagode seria o mesmo que os què lhe referiram de outros muitos famosissimos Pagodes dos Reinos do Decan , Cambaya , e Mogor , que segundo as informações , diziam = Este Pagode mandou fazer El-Rei Bimelamenta = ; posto que no principio e no fim do Cap. , trasladado no texto , attribua a fundação do Pagode , que aqui se descreve , ao Rei Banasur.

O certo é que a historia gentilica da Asia é a mais confusa e fabulosa , que ha no mundo.

cima se sustenta sobre muitas columnas formosissimamente lavradas, de que já não ha mais de duas que são de dezenove palmos de alto, e doze de grossura. Tem o templo quarenta e tres passos de comprimento, e treze de largo, e a uma parte tem uma camarinha muito bem lavrada. Nella adoram a sua Deosa Paramisori. Foi este Pagode, que está hoje todo desfeito, de obra espantosa naquelle seu tamanho.

N'outro monte desta ilha, para o nascente, a respeito do Pagode grande, na lombada delle quasi no meio, está outro Pagode, em que antigamente se entrava por uma formosa porta, que tinha um portal de marmore curiosissimamente lavrado. Tem este Pagode uma casa grande, e tres camaras: na primeia da mão direita não ha já cousa alguma; na segunda havia dous idolos sobre um grande poial quadrado. Um destes idolos se chamava Vithalá Chendai, tem seis braços e uma só cabeça, e está arrimado a dous idolos pequenos, que tem a cada parte.

Este Pagode grande, e os outros pequenos, se sabe por suas escrituras dos gentios, que os mandou fazer um Rei Canará, chamado Banasur, e que os mandára fabricar, e junto a elle uns formosos paços, em que se aposentava quando alli ia, de que ainda em meu tempo se achavam alguns vestigios, e muitas ruinas de pedra de cantaria e adobes mui grandes. Chamavam-se estes paços ou cidade, que dizem que foi mui formosa, Sirbali; e a serra, em que está o Pagode do Elefante, se chamou Simpdeo. Aqui viveo alguns annos uma filha deste Rei, que se dedicou a este Pagode a perpetua virgindade, que se chamava Uquá. Dizem os antigos que nesta ilha do Elefante em tempo de El-Rei Banasur, choveo ouro por espaço de tres horas, e por isso lhe puzeram nome Santupori, que na sua lingua quer dizer Ilha do ouro. — Não relato todas as cousas deste grande Pagode particularmente, porque são tantas, que se não podem particularisar, e por que não enfastiem aos que as lerem. =

Como complemento e correccão da antiga descripção de Diogo do Couto porei tambem a que fez o Conselheiro Jose Joaquim Lopes de Lima, relativa ao dia 30 de Maio de 1842. — Chegamos finalmente (diz Lopes de Lima) á ilha do Elefante, cujo aspecto agreste e solitario— (tem apenas 50 a 60 habitantes, gente pobrissima) é todavia agradavel pela sua muita vegetação; desembarcados ao collo de homens, porque a maré espraia muito, e tendo subido a encosta, que guia ao Pagode, no alto della fomos cumprimentados pelo Commanante da ilha— hum Sargento nativo — maneta — de chapéu de palha, e em mangas de camisa (aliás bem suja), e algum tempo depois nos appareceram dous Soldados Sipaes fardados. Entrámos successivamente no magnifico, e hoje tão immundo e destruido Pagode, e depois de descansar um pouco na sua fresquidão, comecei o meu exame com o Livro de Couto na mão. É falso o dizer-se, que pouco ou nada existe do que aquelle Author aponta: é certo que quasi todas as figuras estão mutiladas pelos homens, ou arruinadas pelo tempo; mas em todas ellas se divisam vestigios sufficientes de quanto elle relata na sua descripção, com mui pequenas excepções, que irei apontando. Grandes thesouros deveriam na verdade despender-se em vasar na rocha viva uma fabrica tão grande, e tão primorosa, que se pode olhar com um esforço da antiga architectura, e obra prima da esculptura, que com mão tão certa entalhou na rocha os perfeitissimos, athleticos, e elegantes contornos daquellas agigantadas figuras com rostos cheios de expressão, e ornadas de labores nas tiaras, nos collares, nos cintos, e outros enfeites, que de certo se não podiam executar melhor sobre o marfim. Bem que as figuras estejam quasi todas mutiladas (dos braços, e pernas sobre tudo), os labores, e *lagarias* se conservam pela maior parte em perfeito estado, com quanto sujos de pó. O sitio, e extensão interior do Pagode é tal e qual Couto o descreve; mas o portico da entrada do lado do nascen-

(a). *Jornal da Viagem de Jose Joaquim Lopes de Lima de Goa para Lisboa por Bombaim, Meer, Alexandria, e Malta em 1842. — Lisboa. 1843. — 12:*

(71)

te desabou ha poucos annos, por effeito do tempo, e do abandono: na parte restante se contam ainda 42 columnas, parte dellas derrocadas, e jazendo dispersas, formando todavia as sete naves, que Couto indica: as columnas são do feitio, e dimensões, que elle declara, devendo accrescentar-se que nos quatro angulos do pedestal quadrado de cada uma se veem quatro pequenos Idolos lavrados com extremo primor. Entrando na 1.^a Capella á direita (ou do lado occidental) achei tudo quanto Couto descreve, e ainda mais sete idolos, de que elle não faz menção (entre elles uma bella cabeça de velho):—porem todos estam mais ou menos mütitados, e daquelle que tem cabeça de Elefante, a qual está inteira. mal se distingue o corpo humano que a sustentava. O Caduceo com a cobra e os tres idolos existem quasi intactos: vai com effeito dahi alargando o Pagode para o poente, na 1.^a nave; no logar que Couto indica lá está a 2.^a Capella aberta na rocha com tudo quanto elle aponta, menos o idolo pequeno pendurado pelos pés: porque o braço que o sustinha está grandemente mutilado, bem como os dous que sustentavam o sobreceo, em cuja borda se vê ainda uma das mãos, e os cotos dos braços nos logares proprios: a espada, chocalho, e a caldeira existem quasi intactos, tendo sido assaz damnificado o idolo, que estava sobre esta ultima. A faixa de cabecinhas humanas, que o grande idolo tem a tiracollo, está em parte destruida: pelo tempo; mas em muitas partes se conserva perfeita. O collar do pescoço é de um lavor muito subtil. Dos 30 idolos em pé, que viu Couto, apenas hoje se divisão uns 10,— e esses mesmos bem mutilados. A Capella quadrada, que encerra a *Linga*, acha-se bem conservada: e é para notar que em todos os Pagodes por mais destruidos que estejam, se conservam inteiros estes torpes emblemas, que não tem lavor, nem belleza alguma,—nem ao menos imitam bem aquillo que representam. Os quatro Gigantes, que guardam as portas, são como quasi todas as figuras deste maravilhoso Pagode, modellos de esculptura,

que dão inveja aos tempos modernos, e um delles — ao Sul — acha-se todo inteiro, e completo: todos os outros estão mais ou menos mutilados. A Capella que fica a 10 passos ao S. O. desta casa não está muito arruinada, e conserva todas as figuras que descreve Couto, e ainda, além dessas, mais idolos á direita do idolo principal, notaveis por sua grandeza, entre os muitos idolos pequenos, que jazem de roda: um destes sustenta nas mãos uma urna: o que eu porem não pude achar foi vestigio algum de obra mosaica no portal, que todavia é formoso. Excelente, e summamente fresca é na verdade a agua da chamada cisterna, — a que eu antes chamarei mina — cuja boca fica ao lado esquerdo desta Capella, e de que se não conhece a origem nem a profundidade, que deve ser mui grande pelo susurro repercutido em eccos, que forma dentro da immensa caverna, esta agoa que na sua boca jaz tão placida como se nascesse alli mesmo. Voltando agora para o nascente (*e não para o ponente*, como erradamente se lê na minha edição de Couto) lá se encontra logo á entrada do Pagode a curiosa Capella com o bello idolo agigantado de pernas encrusadas, de que o author faz menção; mas os pequenos idolos que o rodeam tem soffrido grande estrago, e dos cavallos não resta vestigio algum, com quanto na verdade algumas figuras humanas estejam na posição de cavalgar. Alarga daqui igualmente o Pagode para o nascente até a 2.^a Capella, e do lado esquerdo, debaixo da qual sahe com effeito o meio corpo de gigante com cinco rostos, e 12 braços, sustentando hum assento com outros idolos — tudo como Diogo do Couto o escreve — sendo esta uma das Capellas lateraes, cujas figuras se acham menos damnificadas. Igualmente se encontra tudo quanto o Author indica na 3.^a Capella fronteira a esta ultima, do lado do meio dia, na qual todavia as figuras estão muito mais mutiladas, do que naquella. O que se acha mais bem conservado de tudo é o fundo do Pagode, no qual estão as tres Capellas, de que

(73)

Couto faz menção. A do meio, que provavelmente apresenta a Trindade Indiana, é verdadeiramente magestosa, e une á magestade de expressão, com que os seus tres rostos (de 10 palmos cada um) captam a attenção, e infundem respeito, a quem os vê, a mais exquisita delicadeza nos labores das tiaras, nas laçarias dos collares, no bem imitado da cobra de capello — da rosa-golfo, e de tudo o mais: esta Capella só por si é uma protentosa maravilha, terminada pelos dous gigantes da entrada igualmente perfeitos nas suas dimensões. Bellas são tambem, ainda que não tão magestosas como a do centro, as duas Capellas que estão á direita, e esquerda destas: estão ambas bem conservadas, e nellas se topa tudo quanto o nosso fiel Couto descreve; e na da direita (ou do nascente) além da Amasona gigantesca sobre um pé, apoiada sobre um bello touro, ha muito que notar nos idolos de redor, de que alguns sustentam emblemas de soberania. As duas Capellas escuras, que ficam aos dous lados do fundo do Pagode parecem ter sido em outro tempo habitação de Santões, que se consagravam a este tão celebre Pagode, no qual parece se encerra toda a Mithologia Indiana. Os grandes estragos, que este Pagode tem soffrido não são somente obra dos homens. As maiores ruinas são causadas pelo tempo, tanto assim que o que melhor se conserva he aquillo que está mais abrigado: mas por certo grande culpa cabe aos homens (maiormente aos que governam) por não terem preservado esta maravilha, em favor da qual nem ao menos se tem erguido o grito dos antiquarios. — Não sei porque o nosso Couto, não fez cabedal algum de um outro pequeno Pagode que pega com este, pelo lado do nascente, e meio dia aberto tambem ao norte, e fechado pelos outros tres lados. Terá trinta passos de largura — nascente a poente — e uns doze passos de fundo — de norte a sul — no centro tem a Capella quadrada, contendo a Linga com as suas quatro portas — uma na frente, e as tres nos outros tres lados, que dão sobre corredores praticados na rocha, de que tudo

é formado: a direita, e esquerda desta Capella central ha dous retabulos tambem abertos na rocha: o da direita representa um gigante em pé já mutilado tendo de cada lado um anão; e o da esquerda mostra outro gigante crusando uma perna sobre a outra, e as figuras, que o rodeavam estão mutiladas, e apagadas, que mal se podem hoje distinguir: com isto acaba o lado do meio-dia: ao nascente, e poente correm para o norte duas pequenas galerias cobertas, cavadas na rocha, e sustentadas sobre pequenas columnas da mesma rocha: a do nascente nada tem esculpido: na do poente toda a parede está coberta de uma successão de relevos em meio corpo de figuras, que parecem ser de Reis, e pessoas nobres de ambos os sexos, — tão apagadas porem algumas dellas, que nada se pode inferir destes grupos extravagantes. Não sei se será por ventura este Pagodinho a Capella que Diogo do Couto se lembrava ter visto 50 annos antes de escrever: mas eu nada vi que se parecesse com a Rainha Pasiphae, nem touro, nem Anjo com espada, nem Adão, e Eva: é aliás provavel que aquella fosse em outro logar; pois o mesmo Couto diz, que ella ja se não via quando elle escrevia as suas Decadas. Os dous outros Pagodes na lombada da serra, de que o Author faz menção, já se não pode entrar nelles, entulhados como estão com as suas proprias ruinas, e desabamentos: vê-se de fora em cada um delles um Linga, — alguns troços de bellas columnas derrocadas, e duas ou tres figuras gigantescas, de que as feições estão quasi totalmente gastas, e apagadas, pela acção do tempo, e nenhum resguardo. — Do Elefante de pedra grande, de que falla Diogo de Couto, logo no começo do capitulo, e que foi derrocado ha pouco mais de vinte annos, restam destroços dispersos no local que elle occupara (uma quebrada do monte do lado do norte), bem como de outro Elefante pequeno, que se via ao lado d'elle. — Esta montanha parece ser quasi toda occa pelas muitas aberturas, que por toda a parte apresenta, e prolongadissimos

(75)

eccos, que em todas ellas se encontram: e se as bellas aguas que ella encerra, se aproveitassem, e trouxessem á praia encanadas (o que era obra de pouca despeza) seriam de um grande recurso para as aguadas dos Navios em um porto de tão pouca, e tão má agua potavel como é Bombaim. . . . Mas os Ingleses em geral apreciam mais os bons vinhos que as boas aguas.—Gasta-se duas e meia horas para de Bombaim ir a esta Ilha =

Nós tambem desembarcámos ao collo de homens. Achámos uma bella rampa e caminho desde a praia até ao Pagode, obra recente. O Pagode actualmente está aceso, e alguns Ingleses tem dado alli bailes, o que deve ter certa originalidade.—No mais nada tenho a accrescentar ás observações de Lopes de Lima.

XV.

DE BOMBAIM A GOA.

31 DE OUTUBRO.—O novo Governador era anciadamente esperado em Goa; e sua presença alli tornava-se mui necessaria. Convinha pois não demorar mais em Bombaim.—No vapor *Phlox*, afretado expressamente, largámos para Goa no dia 31 de Outubro ao meio dia.—Navegando sempre terra terra com prospera viagem avistámos pela volta do meio dia do 1.º de Novembro a barra de Goa, e entrando nella ao som das salvas de todas as fortalezas, desembarcámos no caes da Alfandega de Pangim ás duas horas da tarde, e a pé se dirigiu o Governador para palacio. A bordo, ao desembarque, e em palacio foi o Governador esperado e cumprimentado como *de more* pelas auctoridades, empregados, e mais pessoas, que a taes actos costumam concorrer.

Os gentios, homens munitos dados a agouros, notaram que o dia da chegada fora fausto, por ser quinta-feira; e que o Governador desembarcára com o pé direito.

XVI.

GOA.

1.º DE NOVEMBRO.—A barra de Goa tem alguma

semelhança com a de Malta. É formada por dous grandes rios, que tocando-se no ponto, em que saem ao mar, abrem verdadeiramente duas barras. — A melhor, e a mais frequentada é a do norte ou da Aguada correspondente ao rio Mandovy, em cujas margens estava assentada a antiga Goa, e ainda está a moerlina. A do sul ou de Mormugão, formada pelo rio Juary ou Zuary, é mais larga, mas menos funda; e por isso pouco serve, salvo no tempo de inverno; durante o qual fica impracticavel; ou como dizem, fechada a barra do norte.

Goa, a que já Bocage ha mais de sessenta annos chamava *in illo tempore cidade*, desapareceo de todo. O que eram ruas, palacios, e casas, são palmares e moutas, entre os quaes ficam como escondidos alguns conventos e a Sé, que não poderão durar largos annos. — Os estabelecimentos publicos e a povoação transferiram-se a Pangim, que de pequeno bairro da Aldea Taleigão tem hoje os fóros de cidade. Todos os Governadores desde D. Manoel de Portugal se tem empenhado em ampliar, e melhorar esta nova povoação: e se o commercio prosperar, o que não é impossivel, pode vir a ser uma cidade soffivel.

A 3 de ^{Novembro} ~~Outubro~~ tomou o Governador posse na Igreja do Bom Jesus, antiga casa professa dos Jesuitas na cidade antiga de Goa, com as solemnidades do estilo, sendo destas a mais digna de menção receber o Governador o bastão da mão da imagem de S. Francisco Xavier na propria capella, onde se venera em rico mausoleo o corpo deste Apostolo da India.

Aqui termina a viagem, e começam novos trabalhos. Se estes me deixarem alguns momentos vagos, e a vida ou saude me não faltarem, a seu tempo darei a meus amigos noticia mais particular de Goa e da India Portugueza; de seus antigos fados, de seu estado presente, e dos presagios, que se podem formar sobre sua sorte futura.

FIM.

Errata

- Pagina 17—linha 25—com a *lea-se* como a.
Pag. 26—lin. 2—serralho, distincto *lea-se* serralho é distincto.
Pag. 37—lin. 1—s *lea-se* o.
Pag. 37—lin. 2—Alferio *lea-se* Alferes.
Pag. 53—lin. 31—27 *lea-se* 26.
Pag. 53—lin. 37—(Vaconcellos), *lea se* (Vaconcellos),
Pag. 54—lin. 1—30 *lea-se* 29.
Pag. 55—lin. 15—associações *lea-se* associações.
Pag. 56—lin. 2—29 *lea-se* 28.
Pag. 58—lin. 4—qualidade *lea-se* quantidade.
Pag. 63—lin. 23—Visn *lea-se* Visnú.
Pag. 69—lin. 15—primeia *lea-se* primeira.
Pag. 73—lin. 13—destas *lea-se* desta.
Pag. 76—lin. 24—Outubro *lea-se* Novembro.



Index

Page	1—10	Introduction
Page	11—20	1—10
Page	21—30	11—20
Page	31—40	21—30
Page	41—50	31—40
Page	51—60	41—50
Page	61—70	51—60
Page	71—80	61—70
Page	81—90	71—80
Page	91—100	81—90
Page	101—110	91—100
Page	111—120	101—110
Page	121—130	111—120
Page	131—140	121—130
Page	141—150	131—140
Page	151—160	141—150
Page	161—170	151—160
Page	171—180	161—170
Page	181—190	171—180
Page	191—200	181—190
Page	201—210	191—200
Page	211—220	201—210
Page	221—230	211—220
Page	231—240	221—230
Page	241—250	231—240
Page	251—260	241—250
Page	261—270	251—260
Page	271—280	261—270
Page	281—290	271—280
Page	291—300	281—290
Page	301—310	291—300
Page	311—320	301—310
Page	321—330	311—320
Page	331—340	321—330
Page	341—350	331—340
Page	351—360	341—350
Page	361—370	351—360
Page	371—380	361—370
Page	381—390	371—380
Page	391—400	381—390
Page	401—410	391—400
Page	411—420	401—410
Page	421—430	411—420
Page	431—440	421—430
Page	441—450	431—440
Page	451—460	441—450
Page	461—470	451—460
Page	471—480	461—470
Page	481—490	471—480
Page	491—500	481—490
Page	501—510	491—500
Page	511—520	501—510
Page	521—530	511—520
Page	531—540	521—530
Page	541—550	531—540
Page	551—560	541—550
Page	561—570	551—560
Page	571—580	561—570
Page	581—590	571—580
Page	591—600	581—590
Page	601—610	591—600
Page	611—620	601—610
Page	621—630	611—620
Page	631—640	621—630
Page	641—650	631—640
Page	651—660	641—650
Page	661—670	651—660
Page	671—680	661—670
Page	681—690	671—680
Page	691—700	681—690
Page	701—710	691—700
Page	711—720	701—710
Page	721—730	711—720
Page	731—740	721—730
Page	741—750	731—740
Page	751—760	741—750
Page	761—770	751—760
Page	771—780	761—770
Page	781—790	771—780
Page	791—800	781—790
Page	801—810	791—800
Page	811—820	801—810
Page	821—830	811—820
Page	831—840	821—830
Page	841—850	831—840
Page	851—860	841—850
Page	861—870	851—860
Page	871—880	861—870
Page	881—890	871—880
Page	891—900	881—890
Page	901—910	891—900
Page	911—920	901—910
Page	921—930	911—920
Page	931—940	921—930
Page	941—950	931—940
Page	951—960	941—950
Page	961—970	951—960
Page	971—980	961—970
Page	981—990	971—980
Page	991—1000	981—990

Errata

Pagina	17—linha	25—com a	<i>lea-se</i>	como a.
Pag.	37—lin.	2—Alferes	<i>lea se</i>	Alferes.
Pag.	53—lin.	31—27	<i>lea-se</i>	26.
Pag.	54—lin.	1—30	<i>lea se</i>	29.
Pag.	56—lin.	2—25	<i>lea-se</i>	28.
Pag.	63—lin.	23—Visn	<i>lea se</i>	Visnú.
Pag.	69—lin.	15—primeia	<i>lea-se</i>	primeira.



